Revista

ilustrar

REVISTA BRASILEIRA DE ILUSTRAÇÃO, ARTE E DESIGN

24 / 2011

www.revistailustrar.com

Ariel Fajtlowicz, Matthew Cook, Eduardo Belga, Mike Deodato Jr., Víctor Leguy e Renato Alarcão

Editorial

Quatro anos ilustrando...

Setembro, aniversário da Ilustrar, completando quatro anos.

Quatro anos de muita ilustração, arte, entrevistas, descobertas, confidências, viagens, ilustradores, artistas e amigos. Quatro anos crescendo juntos, fazendo da vida algo mais alegre, inteligente e colorido.

Para comemorar os quatro anos temos nesta edição a presença de Ariel Fajtlowicz com seu divertido trabalho na seção Portfolio; Eduardo Belga com um trabalho belíssimo e sombrio na seção Sketchbook; Mike Deodato Jr., um dos mais importantes desenhistas da Marvel, mostrando como se prepara uma capa para o New Avengers; e Victor Leguy na seção 15 Perguntas, contando suas experiências, em especial depois que estudou com o professor escocês especializado em processos criativos, Charles Watson.

Temos também na seção Internacional o ilustrador repórter Matthew Cook, contando sua impressionante experiência nas guerras do Iraque, Afeganistão, além de viagens por diversos países

E para fechar, a coluna de Renato Alarcão, falando com muito humor sobre os inúmeros encontros ilustrados ocorrendo atualmente pelo Brasil.

Espero que gostem, e nos encontramos novamente na edição de novembro.

Grande abraço,

Antunes

Foto: arquivo Ricardo Antunes

RICARDO ANTUNES
SÃO PAULO / LISBOA
RICARDOANTUNESDESIGN@GMAIL.COM
WWW.RICARDOANTUNES.COM

Nesta edição

- EDITORIAL: 2
- PORTFOLIO: Ariel Fajtlowicz 4
- INTERNACIONAL: Matthew Cook 10
- SKETCHBOOK: Eduardo Belga 21
- STEP BY STEP: Mike Deodato Jr. 27
- COLUNA NACIONAL: Renato Alarcão 34
- 15 PERGUNTAS PARA: Victor Leguy 36
- ESPAÇO ABERTO 46
- CURTAS..... 57
- LINKS DE IMPORTÂNCIA 58

ficha técnica

ENDEREÇO DO SITE: **www.revistailustrar.com**

DIREÇÃO, COORDENAÇÃO E ARTE-FINAL: **Ricardo Antunes**
ricardoantunesdesign@gmail.com

DIREÇÃO DE ARTE: **Neno Dutra** - nenodutra@netcabo.pt
Ricardo Antunes - ricardoantunesdesign@gmail.com

REDAÇÃO: **Ricardo Antunes** - ricardoantunesdesign@gmail.com

REVISÃO: **Helena Jansen** - donaminucia1@gmail.com

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

Angelo Shuman (Divulgação) - shuman@uol.com.br

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: **Victor Leguy** - www.victorleguy.com

PUBLICIDADE: revista@revistailustrar.com

DIREITOS DE REPRODUÇÃO: Esta revista pode ser copiada, impressa, publicada, postada, distribuída e divulgada livremente, desde que seja na íntegra, gratuitamente, sem qualquer alteração, edição, revisão ou cortes, juntamente com os créditos aos autores e co-autores.

Os direitos de todas as imagens pertencem aos respectivos ilustradores de cada seção.

Já à venda!

"SEX & CRIME"

Já está à venda na loja da Reference Press o livro "Sex & Crime: The Book Cover Art of Benicio", 60 páginas cheias das mais incríveis e sensuais pin-ups, feitas por um dos mais geniais artistas do Brasil, o grande ilustrador Benicio.
No blog da editora há um preview do livro: **http://tinyurl.com/beniciopreview**

São 3 opções para comprar, saiba como no link abaixo:

http://tinyurl.com/referencepress

Ou então vá direto para a loja da Reference Press: **www.referencepress.com**

E para conhecer as futuras novidades, acompanhe a Reference Pres em seu blog:

http://referencepress.blogspot.com

Reference Press. A sua referência em arte.

reference press

brandstudio press

ARIEL FAJTLOWICZ

Foto: arquivo Ariel Fajtlowicz

© Ariel Fajtlowicz

Começando sua carreira como diretor de arte, Ariel Fajtlowicz (se pronuncia Faitlovitchi) trabalhou para diversas agências de publicidade por 9 anos.

Em 2007, após uma temporada em Londres onde fez cursos de ilustração, alguns trabalhos freelance e trabalhando em um escritório de design, decidiu se dedicar ao que realmente sempre gostou: ilustração.

De volta ao Brasil ficou ainda por um ano dividindo o tempo entre um emprego fixo em agência e eventuais trabalhos de ilustrador, até que em 2009 passou a se dedicar exclusivamente à ilustração.

Hoje atende principalmente o mercado editorial e publicitário.

ARIEL FAJTLOWICZ
SÃO PAULO - SP
ARIELFAJTLOWICZ@GMAIL.COM
WWW.ARIFAJ.COM

O COMEÇO

Ao contrário do que eu leio sobre a maioria dos profissionais da área, eu não desenhei a vida inteira. Quer dizer, eu desenhava na infância, como qualquer criança, mas com o tempo fui deixando isso de lado, como a maioria das pessoas.

Mesmo assim, durante a adolescência eu tinha um interesse grande por qualquer tipo de arte visual, e isso me levou, na hora de escolher uma faculdade, a optar pelo curso de desenho industrial, mesmo sem saber exatamente onde isso ia me levar.

Depois de um tempo larguei o curso e acabei indo fazer publicidade.

Já trabalhando na área, como designer e diretor de arte em agência, eu senti que deveria voltar a desenhar, que isso seria importante para mim, profissionalmente.

Fui estudar desenho na Quanta Academia de Artes, em São Paulo, por um ano, mas até então ainda era apenas uma forma de agregar valor à minha atividade como designer.

Aos poucos fui usando cada vez mais elementos de ilustração no meu trabalho até que comecei a ver chances de fazer alguns trabalhos de ilustração não só para mim como para outros designer e diretores de arte que trabalhavam comigo.

Aos poucos fui pegando alguns trabalhos esporádicos de ilustração, até que em 2009 decidi me dedicar exclusivamente à ilustração.

Tive a sorte também de contar com a orientação profissioal e ajuda de grandes ilustradores como o Montalvo Machado e o Weberson Santiago, o que foi essencial para conseguir entrar no mercado.

PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS

Já me perguntaram isso e eu acho muito difícil citar nomes. Eu consumo muita ilustração, livros, revistas, sites, mas confesso que tenho uma dificuldade enorme de guardar nomes.

Acho que eventualmente meus desenhos podem ter influência de algum trabalho que eu tenha visto, tanto no estilo, no traço ou na maneira de resolver uma imagem ou objeto, mas isso acaba acontecendo de forma inconsciente.

Eu me importo mais com outros tipos de influência que não vêm diretamente da ilustração: um filme, uma música, uma viagem, até uma ida ao estádio para ver um jogo de futebol pode me influenciar mais do que um artista específico.

5a

INFLUÊNCIA DO DESIGN

Eu não cheguei a concluir nenhum dos cursos universitários que fiz, nem desenho industrial, nem publicidade. Mas trabalhei por 10 anos em agências e toda essa bagagem é muito importante pra mim, hoje em dia.

Tanto na parte de lidar com o cliente, cumprir prazos, saber interpretar um briefing, quanto na hora de fazer uma ilustração, acho que eu consigo ter uma visão da peça como um todo, como aquele desenho vai se integrar com o layout ou com a diagramação de uma revista por exemplo.

O que acontece muitas vezes é que, além da ilustração em si, eu acabo dando palpites e sugestão na peça como um todo, seja editorial ou publicitária, sempre com o consentimento, claro, do diretor de arte. Mas essa experiência anterior do outro lado agrega muito.

5b

PORTFOLIO: ARIEL FAJTLOWICZ

EXPERIÊNCIA EM LONDRES

O período que eu passei em Londres foi curto, apenas 6 meses, porém foi muito importante. Basicamente, na volta de Londres foi quando eu decidi virar ilustrador full time.

Me matriculei em 2 cursos na Central Saint Martins College of Art and Design, um de ilustração editorial infantil e um de character design.

Mesmo antes de ir, comecei a entrar em contato com agências de lá para tentar trabalhar na área, cheguei lá com quatro entrevistas marcadas e na segunda semana já estava trabalhando em uma delas.

Era uma agência pequena, o que me deu muita liberdade de continuar usando ilustrações minhas.

Não sei dizer exatamente o que foi, mas a cidade, o ambiente, as pessoas com quem eu convivi por lá me fizeram tomar a decisão de me dedicar somente à ilustração. Levou um tempo, após eu voltar para o Brasil, pra isso acontecer, mas com certeza, o período em Londres foi decisivo.

A IMPORTÂNCIA DO HUMOR

Acho que a ilustração, principalmente quando é mais autoral, menos técnica, acaba refletindo um pouco da personalidade da pessoa.

Eu nunca tive a intenção de ser engraçado no meu trabalho, mas talvez sempre tenha um toque de humor por isso.

O humor é importante para mim, além da ilustração - acho que tem a ver com não levar a vida tão a sério, no bom sentido.

PORTFOLIO: ARIEL FAJTLOWICZ

7a

DESENHO RETRÔ

O desenho com traço retrô também é outro elemento do meu trabalho que surgiu sem intenção, naturalmente.

Gosto dessa época como um todo: a estética, o modo como as pessoas se vestiam, a música, o cinema.

Talvez seja um fascínio por uma época que eu não tenha vivido.

Para saber mais:

www.arifaj.com/blog

7b

PORTFOLIO: ARIEL FAJTLOWICZ

8a

8b

PORTFOLIO: ARIEL FAJTLOWICZ

9a

9b

PORTFOLIO: ARIEL FAJTLOWICZ

MATTHEW COOK

Foto: arquivo Matthew Cook

© Matthew Cook

O ilustrador inglês Matthew Cook tem se dedicado ao longo dos anos a uma área da ilustração pouco usada nos dias de hoje, mas com grande sucesso: a de ilustrador repórter.

Tal como acontece com fotojornalistas, Matthew Cook também precisa estar em campo para captar os fatos, e sua dedicação fez com que ele acabasse por se especializar principalmente em reportagem de guerra, vendo de perto muito do que ocorreu - em especial nas guerras do Iraque e do Afeganistão.

Contratado muitas vezes pelo jornal The Times, Matthew Cook também se dedica a cobrir a política, esporte, turismo, indústrias, etc., e muito da experiência adquirida ele compartilha aqui, em uma entrevista exclusiva.

MATTHEW COOK

INGLATERRA

MATT@HARDNUT.COM

WWW.MATTHEWCOOKILLUSTRATOR.CO.UK

Ser um ilustrador reporter é algo pouco comum hoje em dia. Como você começou a trabalhar especificamente nessa área?

Eu costumava desenhar com meu pai desde muito novo. Ele era um diretor de arte em publicidade, e isso me fez entrar em contato com sketchbooks e desenhar em lugares com qualquer clima.

Quando eu estava na Escola de Arte em Londres, ouvi falar sobre ilustração e sabia que era para mim.

No final do meu curso me candidatei para ser um artista de expedição com a Operação Raleigh (Príncipe Charles foi patrono – são expedições para testar e desafiar os jovens em locais difíceis) e passei os quatro anos seguintes viajando e desenhando pelo Brasil, Papua Nova Guiné, Nova Zelândia, Portugal e Austrália.

Meu portfolio estava cheio de desenhos de locações dos meus sketchbooks e eu logo comecei a receber do jornal The Times trabalhos sobre trilhas de longas caminhadas e desenhos para ilustrar obras de escritores de viagens.

Isso fez meus desenhos serem vistos por um público amplo e com isto outros trabalhos de reportagem se seguiram, desde desenhar em um submarino nuclear, barras de haxixe em Amsterdã e vinhedos na Itália, até o verão britânico nos selos do Royal Mail.

11a

E a função de ilustrador reporter de guerra, como aconteceu?

Entrei para o Exército Territorial quando voltei da Operação Raleigh e passei pela esgotante seleção no Regimento de Paraquedistas.

Muitos anos depois, eu estava desenhando uma antiga igreja em Londres que os terroristas do IRA haviam destruído e o jornal The Times estava tentando levantar fundos para a sua reconstrução.

Eu fui junto com o editor e chefe de design e lhes disse que estava no Exército Territorial e gostaria de cobrir um conflito. Eles acharam aquilo fascinante e, obviamente, se lembraram disso.

Dois anos depois e duas semanas antes do prazo final "Choque e Pavor" dado a Saddam Hussein, recebi um telefonema do The Times, perguntando se eu queria ir para o Kuwait acompanhar e desenhar a invasão do Iraque que seria em semanas.

Eu simplesmente disse que sim e visitei o The Times para recolher um pacote de dinheiro americano, capacete, armadura, kits de primeiros socorros, injetores de atropina e kit de proteção química.

Mandaram-me em um curso de ambiente hostil para aprender a furar emboscadas, navegação, primeiros socorros, condução no deserto e conectar telefones por satélite e, em seguida, peguei o último avião para o Kuwait antes de o aeroporto fechar.

Eu estava sozinho e tive que dar uma descansada quando embarquei. Muitos jornalistas foram mortos durante a guerra do Iraque, mais do que em qualquer outra.

11b

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

O ilustrador austríaco Hans Liska (ver Revista Ilustrar nº 21) também trabalhou como ilustrador reporter durante a Segunda Guerra Mundial, contratado pelas forças nazistas. Mas o que ele viu nos campos de batalha não era algo tão glorioso como os nazistas queriam, e acabou por fazer algo mais realista. Aconteceu algo semelhante com você?

Eu sempre gostei das obras de artistas britânicos durante a Segunda Guerra Mundial, mas não tenho preconceitos sobre o que desenhar e ninguém estava vetando meus desenhos antes de eu digitalizá-los na parte de trás do meu carro e enviando-os através de meu telefone por satélite, tudo ligado no acendedor de cigarro do carro.

Eu pensei que meu trabalho seria vetado de alguma forma, mas fui deixado quieto.

Fiquei espantado com a quantidade de nacionalidades que estavam envolvidas e os combates que me deparei foram aleatórios e muitas vezes não resolvidos, ao contrário dos filmes de guerra com que eu tinha sido criado.

Minha guerra não foi nada, comparada à de Hans Liska!

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

É possível no meio de uma guerra como a do Iraque ou Afeganistão conciliar a sensibilidade da arte com o drama da guerra?

Sim, é. Mais ainda porque a arte de guerra é anti-guerra, mas eu passei a acreditar que a guerra é parte da natureza humana.

Eu escolhi gravá-la como um observador e deixar o espectador compô-la em sua mente. A guerra é verdadeiramente espectacular.

Trabalhar como ilustrador no meio de uma guerra talvez seja difícil. Que tipo de dificuldades ou provações já passou?

Sim, fontes de calor e de água foram um problema no Iraque. Eu fiz uso de urina para misturar algumas das minhas tintas. Tempestades de areia tornaram impossível desenhar, com o pó enchendo seus olhos.

Também houve muitos ataques de mísseis em que todos nós tínhamos que vestir nossas roupas químicas e respiradores, que faziam o ato de desenhar ser desconfortável.

Transpirar na armadura significava que eu tinha que beber pelo menos 5 litros de água por dia, mas a minha urina ainda estava marrom.

As condições de vida em geral eram difíceis, dormindo no chão dos edifícios bombardeados, coberto de cacos de vidro e poeira, muitas vezes com munições não detonadas nas proximidades.

Banheiros eram geralmente um tubo de drenagem martelado na areia, então o vento e a falta de privacidade faziam isso ser austero.

Havia geralmente uma tela para proteger um assento de madeira sobre um fosso. Eu tinha uma bacia pequena, para lavar roupas e meias, e um pequeno fogão de hexamina (fogão de pastilhas químicas) para cozinhar minha comida e bebida. Perdi muito peso.

Quebrei um dente por causa do arroz e passei dois meses comendo apenas de um lado da minha boca.

Eu também tinha uma leve queimadura da geada em meus dedos do pé, de um curso do exército que eu tinha feito pouco antes da guerra, então meus dedos não tinham sensibilidade.

Gasolina era difícil encontrar em Bagdá e eu tive que usar o desenfreado mercado negro para encontrar gasolina sem chumbo e pedir um recibo. Eu tinha uma perfuração no carro e tinha que encontrar uma garagem para consertar.

A solução foi contratar o táxi mais castigado que eu poderia encontrar e o motorista se tornou um bom amigo ao longo das semanas. Roubo, sequestro e insurgentes foram ameaças constantes.

O Afeganistão foi mais fácil, por eu ter estado com as tropas, mas as infecções nos olhos e a tosse de Kandahar vêm do pó.

Prisão de ventre por comer os pacotes de ração 24 horas é padrão.

Noites geladas e dias escaldantes é só um acréscimo no desconforto geral.

Eu quase esqueci de mencionar a ameaça de explosivos improvisados, minas e emboscadas por tentar me apoiar para desenhar bem.

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

Como soldado do exército inglês você teve acesso a lugares e situações que nem mesmo jornalistas credenciados poderiam ir, permitindo uma visão mais íntima da guerra. Como artista, o que você viu desse ponto de vista privilegiado?

Ele ajudou de muitas maneiras, muitas vezes eu iria conhecer soldados e acabava por me reunir com amigos, pois lá pode ser um lugar solitário para estar só por sua conta.

Tive acesso a hospitais de campanha e Drones (aviões militares sem piloto, controlados por controle remoto) e eles são muito sensíveis a respeito de quem os visita.

Eu sempre participei das Ordens, ou Grupos "O", que detalham as operações planejadas e de inteligência.

Você também faz muitas ilustrações de reportagem para a política, esportes, indústria, etc. Como artista, qual a vantagem que você vê em um ilustrador reporter em comparação com o fotógrafo?

Pergunta difícil. Somos bombardeados com fotos de todos os ângulos em nossas vidas diariamente, então um desenho pessoal dá uma nova e íntima visão. Uma mudança de ritmo.

Em suas ilustrações de reportagem você tenta ser o mais realista e fiel à realidade ou é possível dar mais expressividade ou enfatizar algo em certas situações?

Vários museus militares possuem muitos dos meus sketches de guerra e eu sinto que tenho de ser tão preciso quanto possível, por razões históricas. Em outros trabalhos, se o briefing permite, posso mudar as coisas ao redor.

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

Você mesmo diz em sua biografia que fica pouco em casa. Para quantos países já viajou?

Coreia do Norte, Peru, Brasil, Papua Nova Guiné, EUA, Canadá, Polônia, Romênia, Austrália, Nova Zelândia, Kuwait, Iraque, Afeganistão e grande parte da Europa. A vida é muito curta para desenhar o mundo, mas vou morrer tentando.

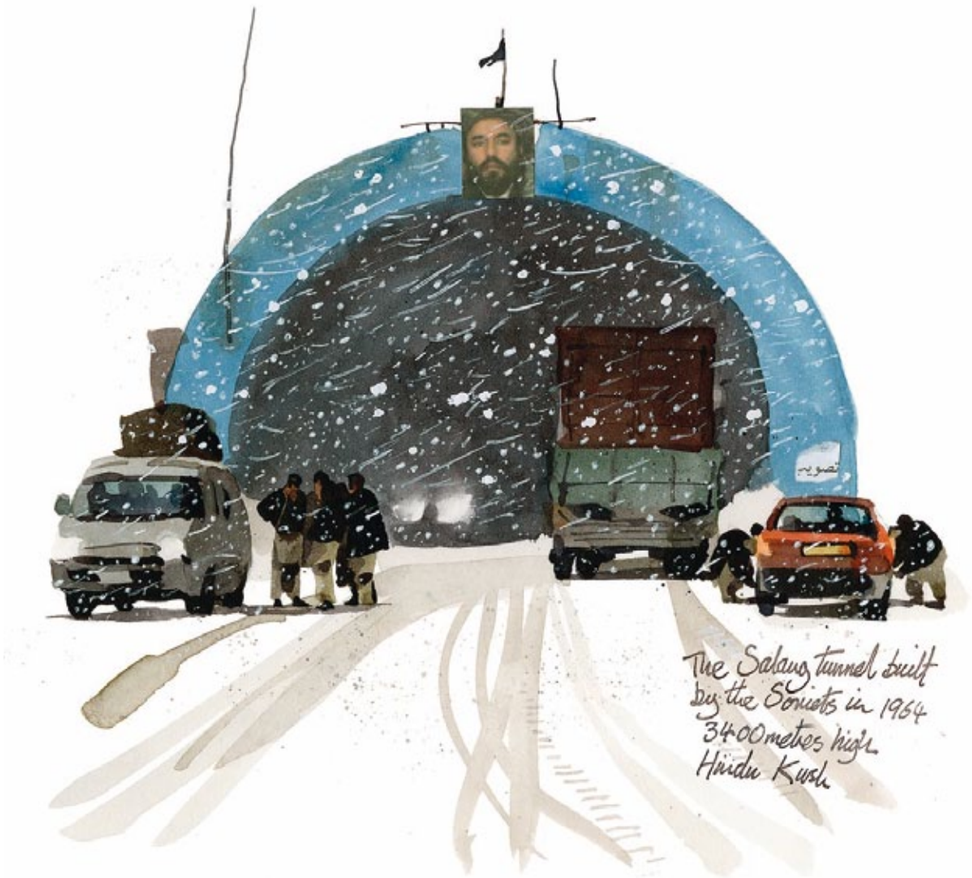
E as viagens acabam por influenciar o seu trabalho de alguma forma?

Dizem que a viagem amplia a mente. Espero que sim! O trabalho muda naturalmente com a idade e experiência - espero que para melhor.

Para saber mais:

www.matthewcookwarartist.com

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

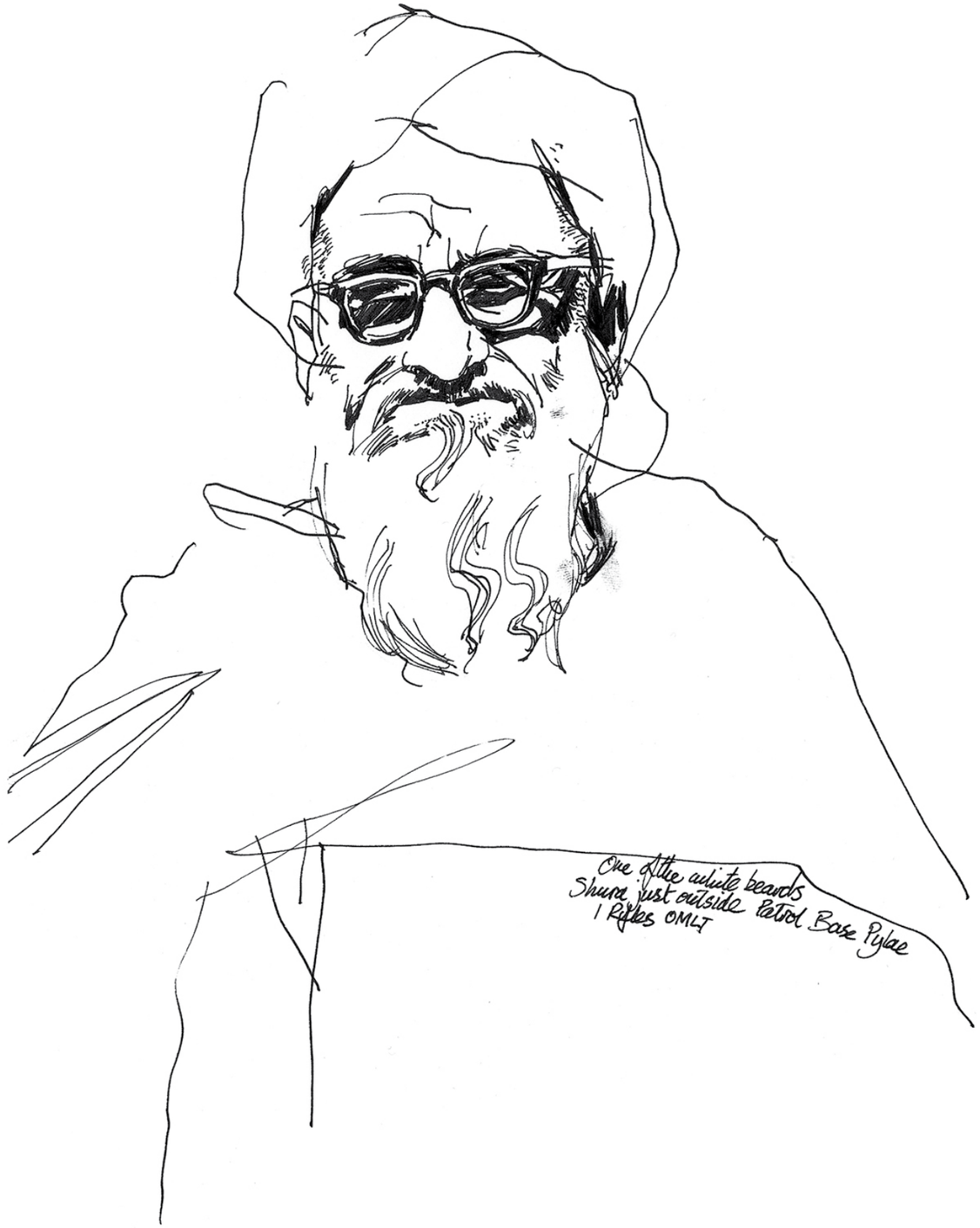


16a

16b

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

17a



17b

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

18a

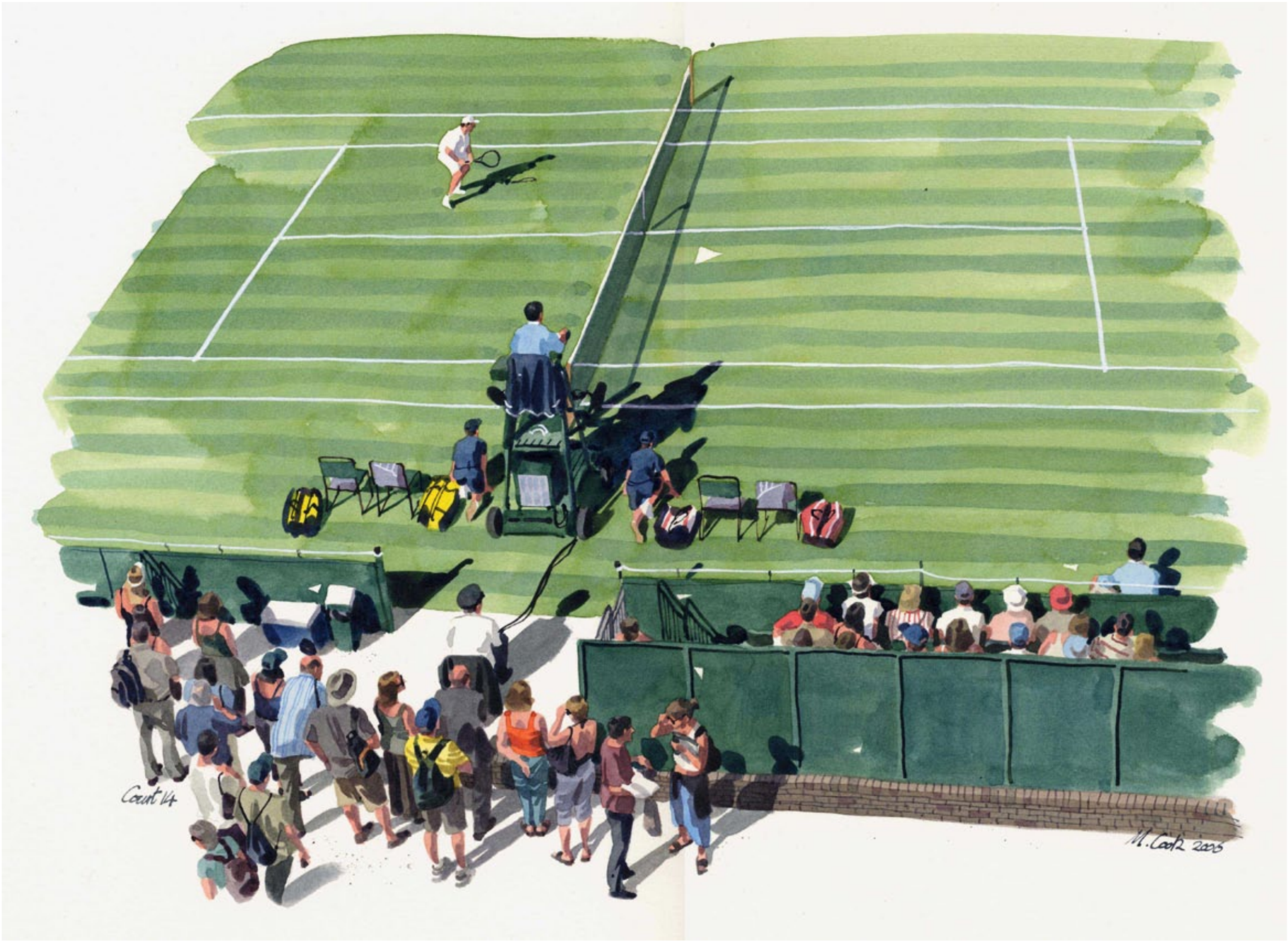
18b

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

19a

19b

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK



20a

20b

INTERNACIONAL: MATTHEW COOK

EDUARDO BELGA

Foto: Eduardo Belga

© Eduardo Belga

Bacharel em artes plásticas e ex-professor na Universidade de Brasília e na Faculdade Dulcina de Morais, o ilustrador Eduardo Belga fundou em 2001, juntamente com os sócios Santiago Mourão e Paulo Faria, a empresa Ilustrativa, atuando no mercado de ilustração em geral.

Como ilustrador tem produzido material para as principais revistas e agências de publicidade do Brasil, além de fazer quadrinhos esporadicamente.

Seus sketchbooks mostram uma faceta pessoal muito interessante, onde procura explorar temas por vezes sombrios ou grotescos, mas de forma imensamente talentosa, explorando tanto o desenho e a pintura como a intervenção em imagens.

EDUARDO BELGA

BRASÍLIA - DF

EBELGA@GMAIL.COM

WWW.ILUSTRATIVA.COM.BR

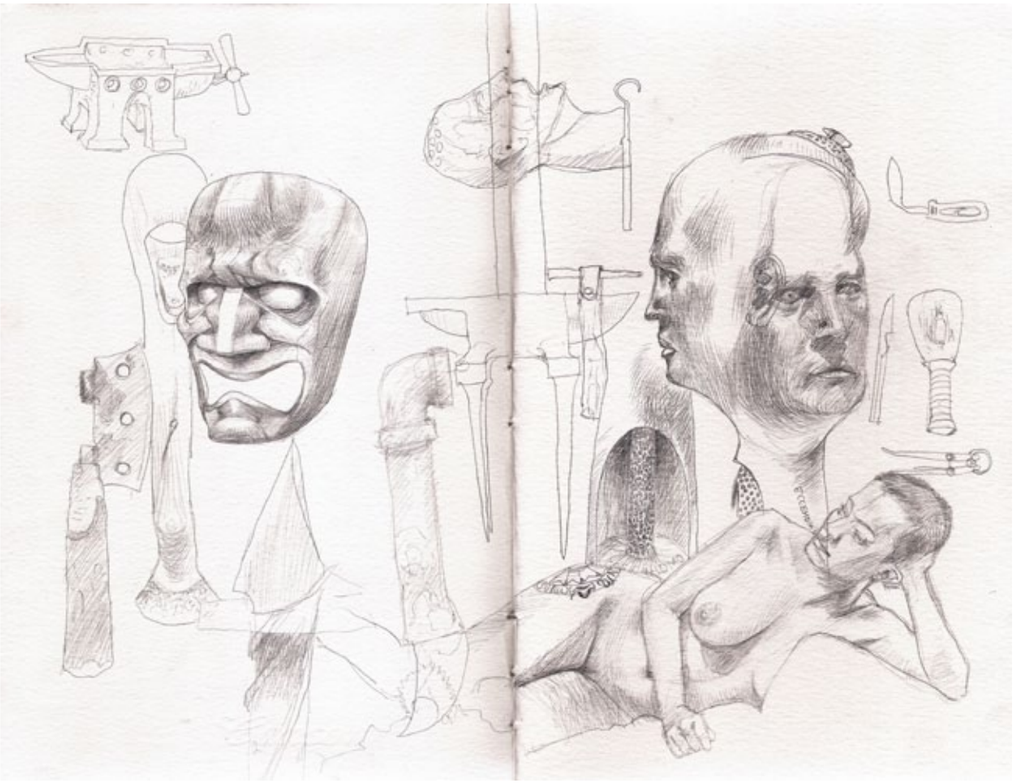
"O desenho tem sido uma ferramenta de aprimoramento da consciência. É uma comunicação que permite uma cumplicidade singular: um tipo de intimidade que só se alcança com essa prática.

Por exemplo, ao desenhar uma pessoa de perto, você a olha de um modo que, sem o desenho, não aconteceria, e esse percurso do olhar fica mapeado para que o observador também o experimente."

"A proposta dos sketchbooks, especialmente depois da influência do Diário Gráfico do Renato Alarcão, é de um processo de descontaminação, de ilustrar à toa, de experimentar o que não se faz, de transgredir as interdições e vícios do trabalho.

De produzir páginas e páginas de 'errados' e errar sobre o erro o quanto quiser. Para depois poder voltar para a mesa de trabalho com as ideias já em movimento.

Sinto que o sketchbook dá uma lubrificada nas engrenagens, elimina aquele sofrimento antecipado do 'como que eu vou executar esse trabalho?'. Torna o processo contínuo."



22a

22b

SKETCHBOOK: EDUARDO BELGA

23a

"Gosto da figura humana, do fantástico, das fábulas, de ossos, árvores, entranhas.
Mas gosto muito de desenhar podrêra (os grotescos).

As coisas bonitas já são bonitas do jeito que são, com cheiro, toque, tridimensionalidade... acho frustrante tentar representar ou evocar essas coisas, tem gente que faz isso muito bem, mas não é o meu caso.

Tenho que assumir o meu lugar no mundo, que por enquanto é esse."

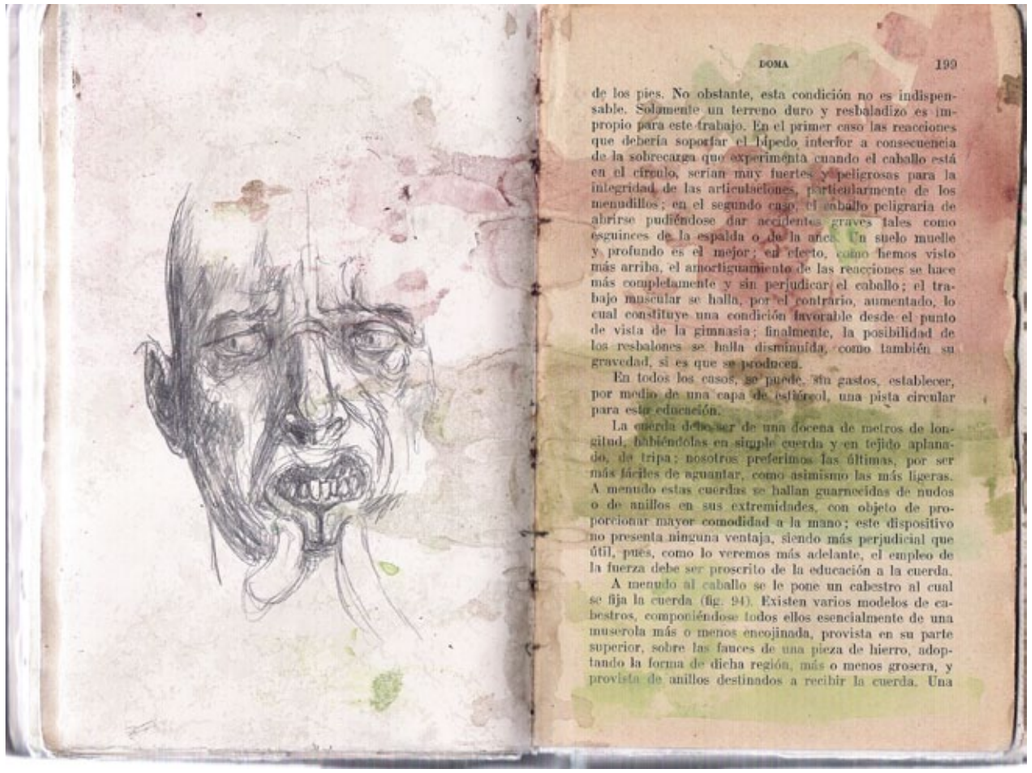
Para saber mais:

www.flickr.com/eduardobelga.

23b

SKETCHBOOK: EDUARDO BELGA

24a



DOMA 199

de los pies. No obstante, esta condición no es indispensable. Solamente un terreno duro y resbaladizo es impropio para este trabajo. En el primer caso las reacciones que debería soportar el lápedo interior a consecuencia de la sobrecarga que experimenta cuando el caballo está en el círculo, serían muy fuertes y peligrosas para la integridad de las articulaciones, particularmente de los menudillos; en el segundo caso, el caballo peligraría de abrirse pudiéndose dar accidentes graves tales como esguinces de la espalda o de la anca. Un suelo muelle y profundo es el mejor; en efecto, como hemos visto más arriba, el amortiguamiento de las reacciones se hace más completamente y sin perjudicar el caballo; el trabajo muscular se halla, por el contrario, aumentado, lo cual constituye una condición favorable desde el punto de vista de la gimnasia; finalmente, la posibilidad de los resbalones se halla disminuída, como también su gravedad, si es que se producen.

En todos los casos, se puede, sin gastos, establecer, por medio de una capa de esfárgol, una pista circular para esta educación.

La cuerda debe ser de una docena de metros de longitud, habiéndolas en simple cuerda y en tejido aplanado, de tripa; nosotros preferimos las últimas, por ser más fáciles de aguantar, como asimismo las más ligeras. A menudo estas cuerdas se hallan guarnecidas de nudos o de anillos en sus extremidades, con objeto de proporcionar mayor comodidad a la mano; este dispositivo no presenta ninguna ventaja, siendo más perjudicial que útil, pues, como lo veremos más adelante, el empleo de la fuerza debe ser proscrito de la educación a la cuerda.

A menudo al caballo se le pone un cabestro al cual se fija la cuerda (fig. 94). Existen varios modelos de cabestros, componiéndose todos ellos esencialmente de una muserola más o menos encojinada, provista en su parte superior, sobre las fauces de una pieza de hierro, adoptando la forma de dicha región, más o menos grosera, y provista de anillos destinados a recibir la cuerda. Una

24b

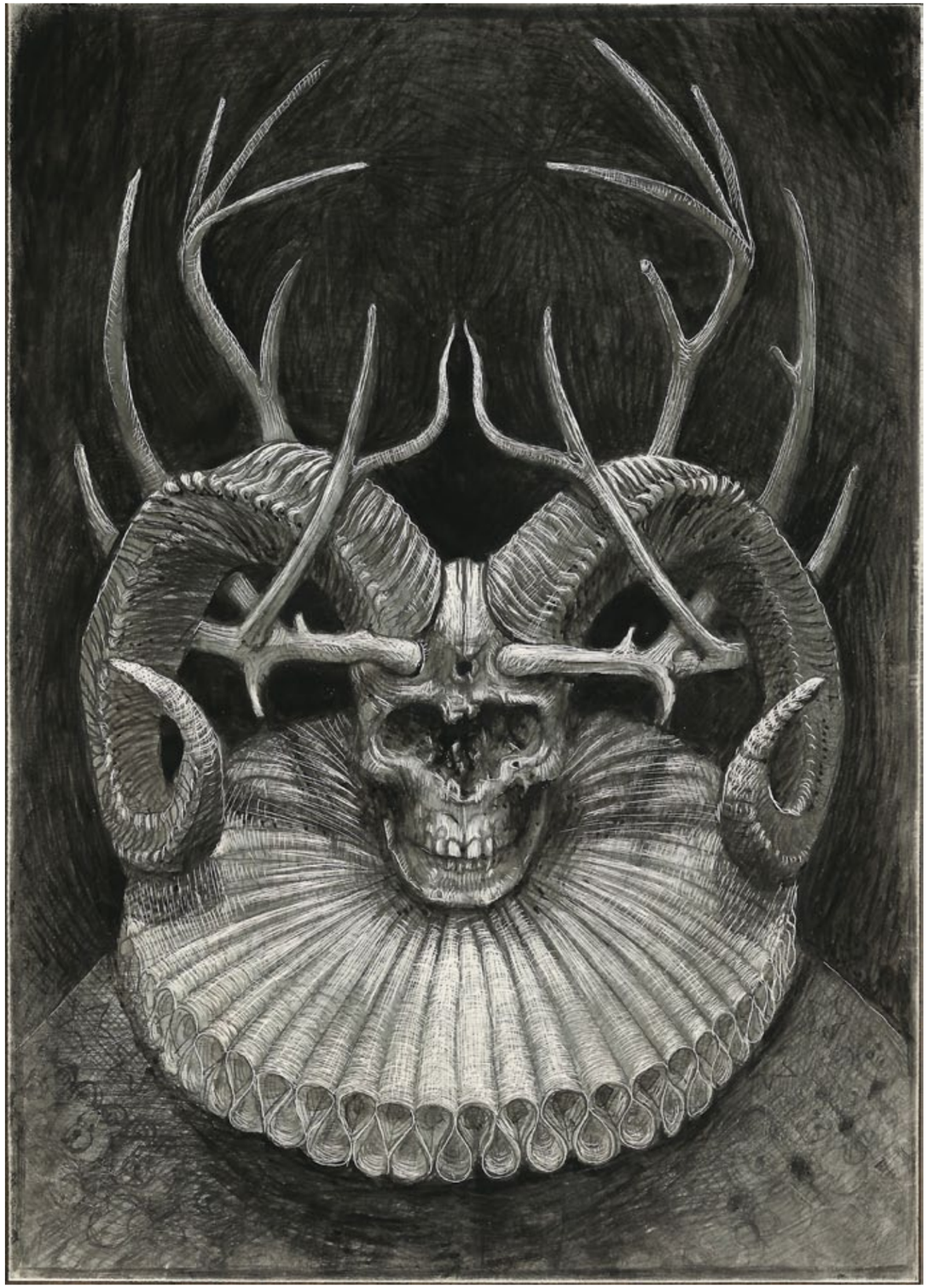
SKETCHBOOK: EDUARDO BELGA

25a

25b

SKETCHBOOK: EDUARDO BELGA

26a



26b

SKETCHBOOK: EDUARDO BELGA

MIKE DEODATO JR.

Foto: arquivo Mike Deodato Jr.

© Mike Deodato Jr.

Um dos grandes nomes contratados pela Marvel, Mike Deodato Jr. começou desde cedo o interesse pelos quadrinhos, influenciado pelo pai, também quadrinista, radialista, roteirista e jornalista, Deodato Borges.

A lista de sucessos de Mike na Marvel é grande: Elektra, Incrível Hulk, Homem-Aranha, Thor, New Avengers, e outros, e recentemente Wolverine: Origins, além de trabalhos anteriores com a DC Comics, como a Mulher Maravilha.

A seguir Mike Deodato Jr. apresenta um passo a passo do desenho da capa do New Avengers #19, feito todo com marcadores (e colorização feita pelo artista Filipino Rainier Beredo), onde explora uma de suas caraterísticas, que é a dramaticidade das sombras, além da dinâmica na composição.

MIKE DEODATO JR.

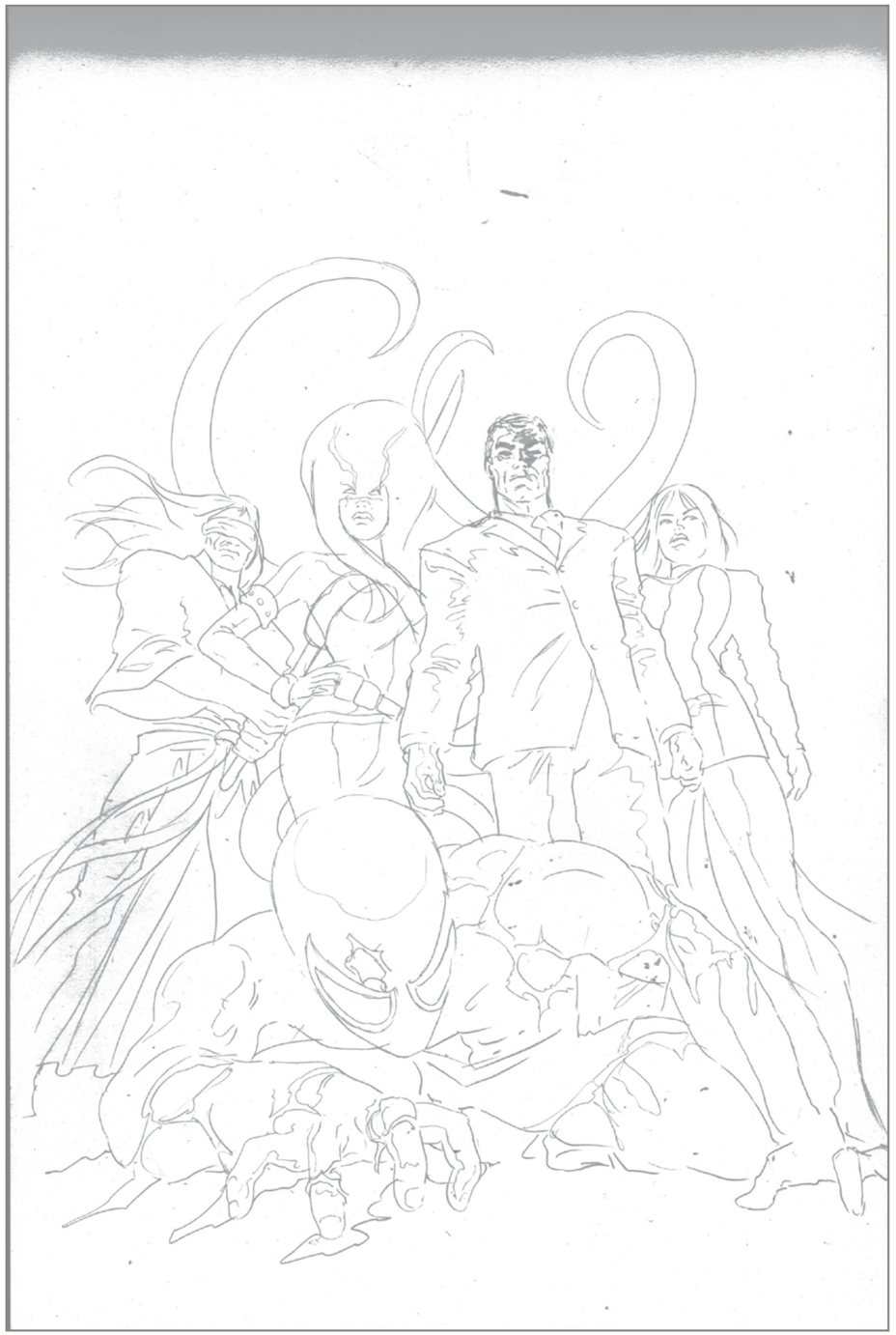
JOÃO PESSOA - PB
MDEODATO@TERRA.COM.BR
WWW.MIKEDEODATOJR.COM

1 Meus editores, Tom Brevoort e Lauren Sankovitch, da Marvel Comics, me encomendaram uma capa para New Avengers número 19 e me deram a seguinte descrição, provida pelo escritor da revista, Brian Michael Bendis: "Spidey, battered and beaten crawling towards us with Gorgon, Osborn, Viper, and Superia standing over him".

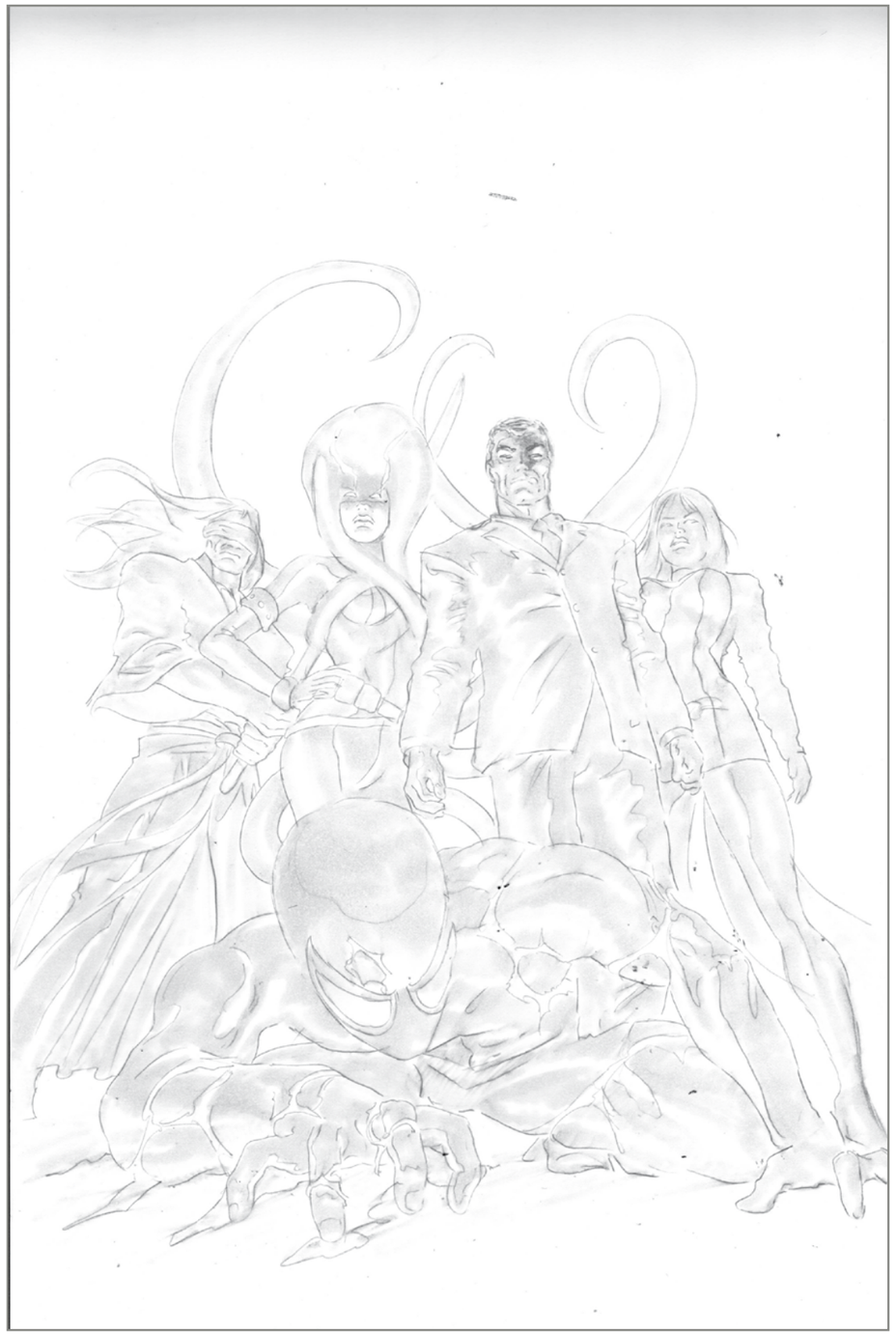
Fiz apenas um layout desta vez (normalmente faço de duas a três opções), porque achei que tinha acertado de primeira (e tinha).

Feito no computador, usando uma Cintiq 21 e Photoshop.

Para esta peça decidi usar marcadores Copic porque têm uma excelente gradação de cinza e canetas Hybrid Technica da Pentel para os detalhes.

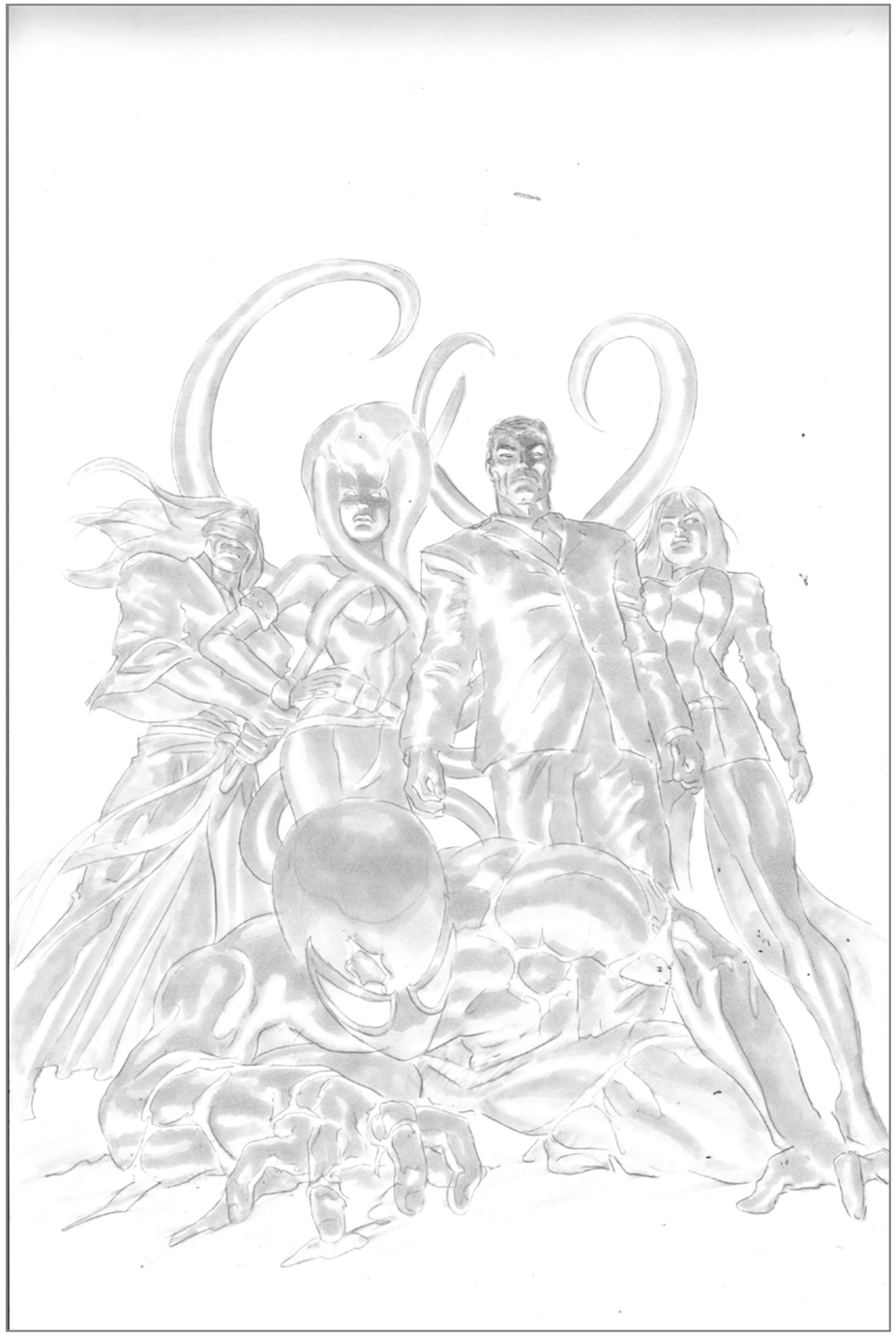


2 Usei papel padrão fornecido pela Marvel. Fiz a marcação de lápis bem suave para que não aparecesse muito sob o cinza.

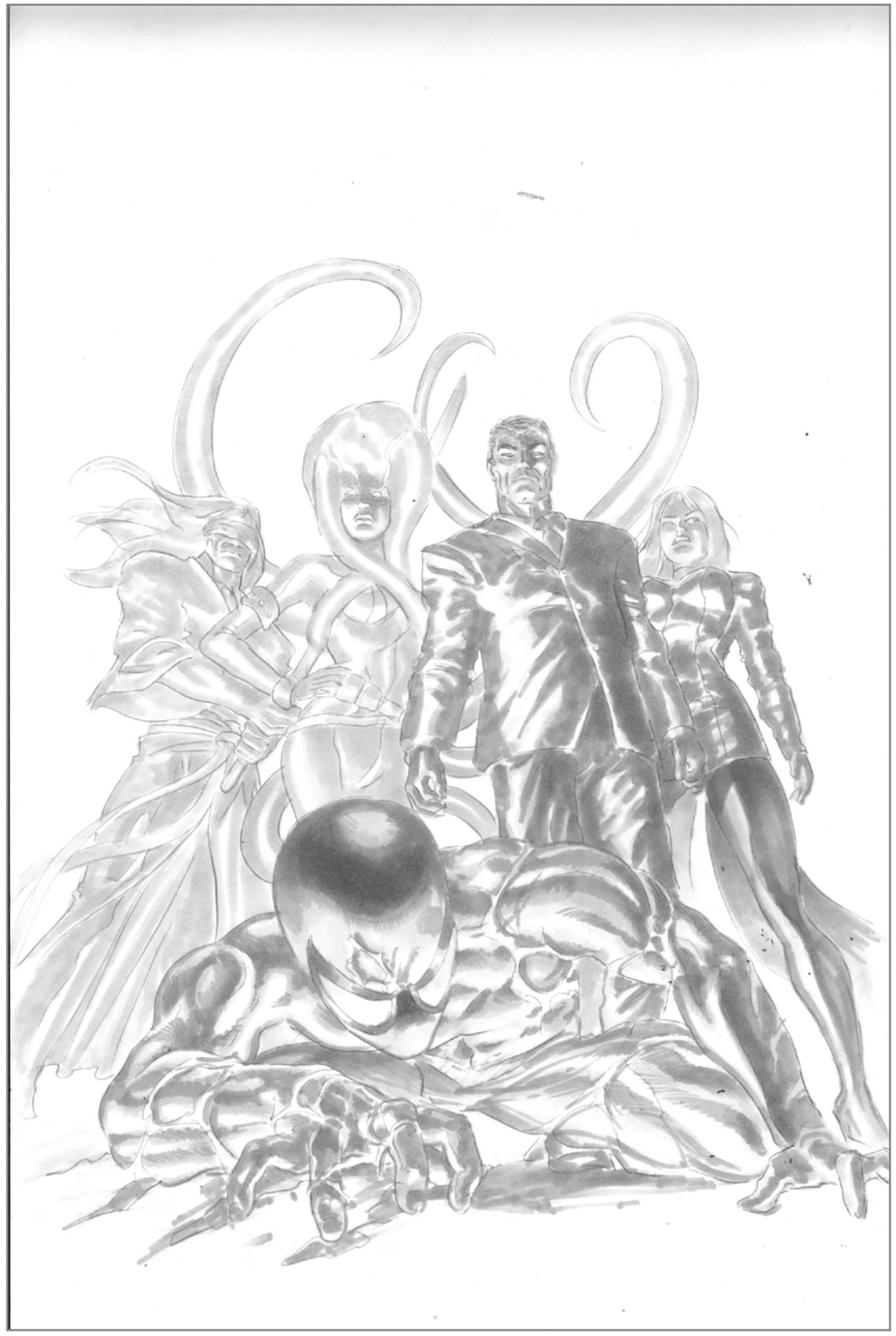


3 Primeira camada feita com Copic N1. Gosto de trabalhar do mais claro para o mais escuro.

STEP BY STEP: MIKE DEODATO JR.

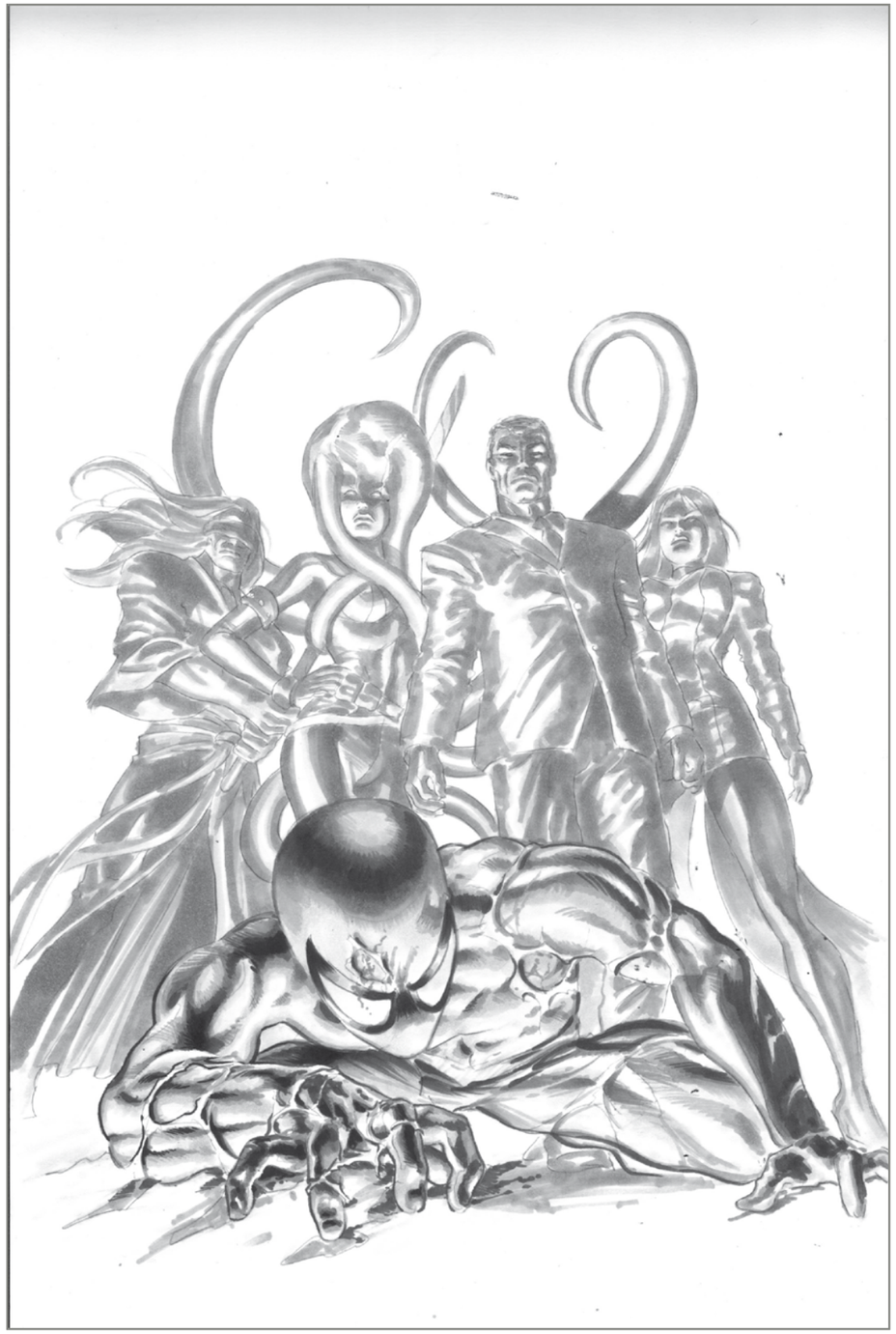


4 Segunda camada com Copic N2.



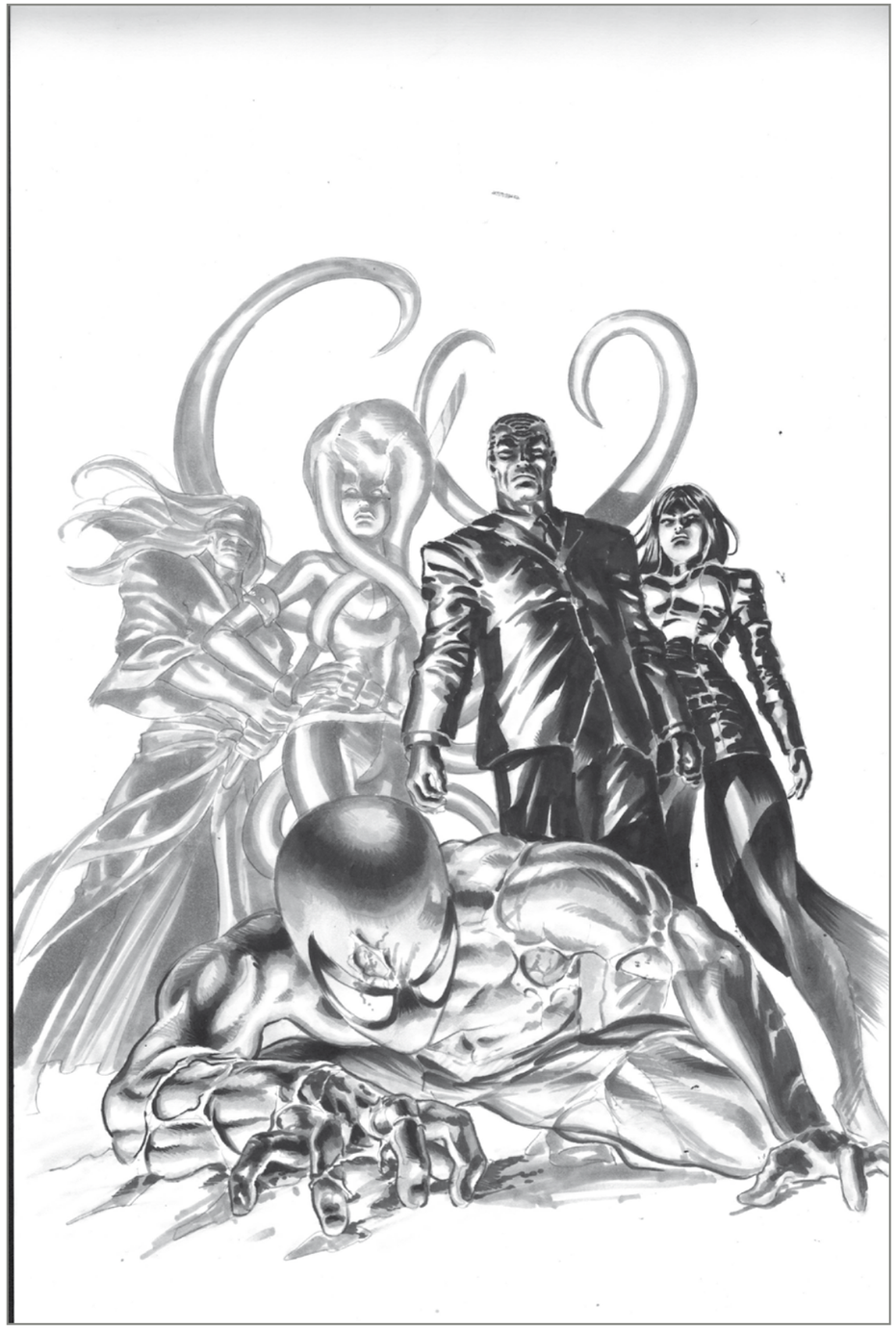
5 Foi minha primeira vez usando esse material, então não sabia no que iria dar, mas saí colocando camada após camada, com os tons subsequentes...

STEP BY STEP: MIKE DEODATO JR.

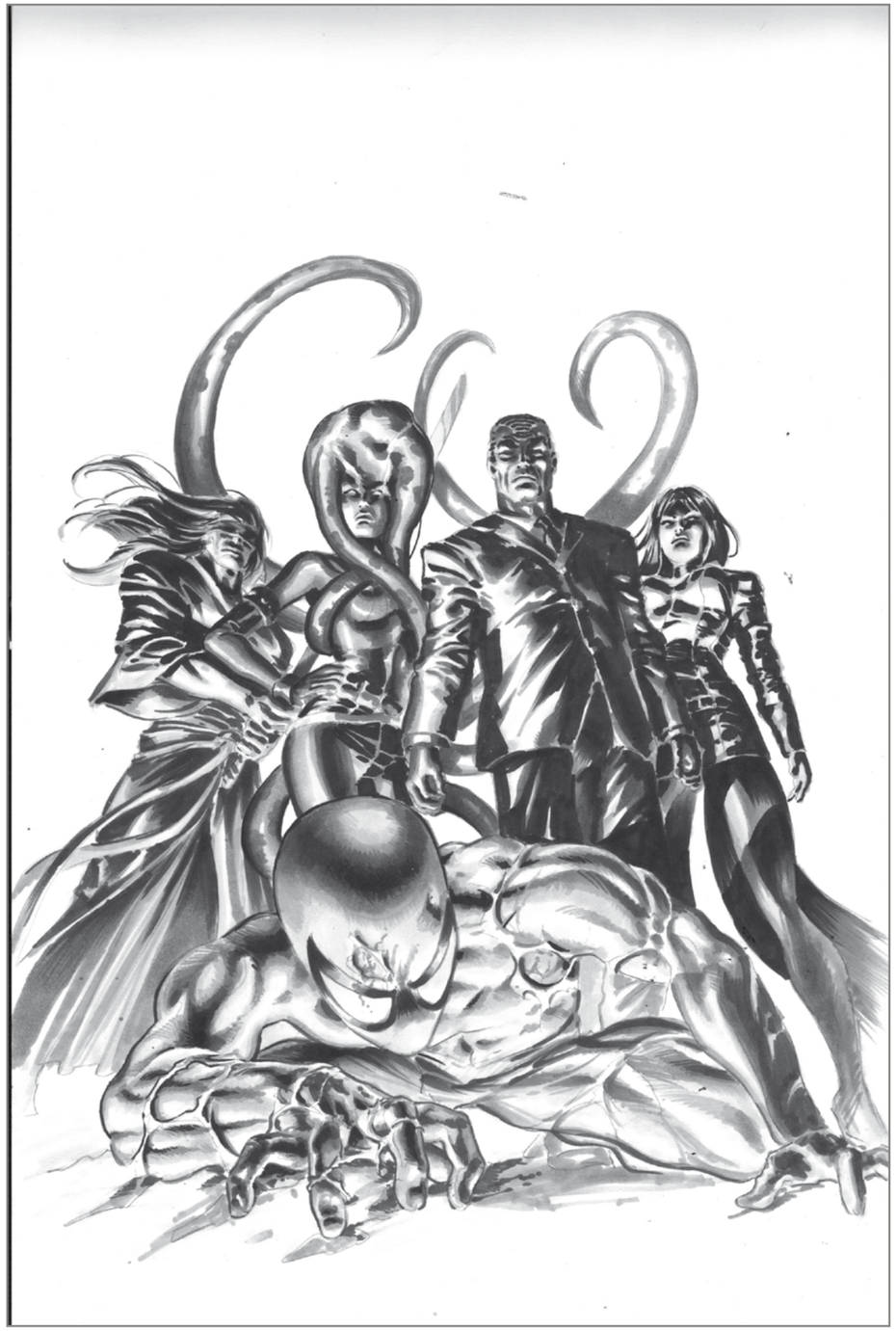


6 Aplicação dos tons até as sombras mais escuras

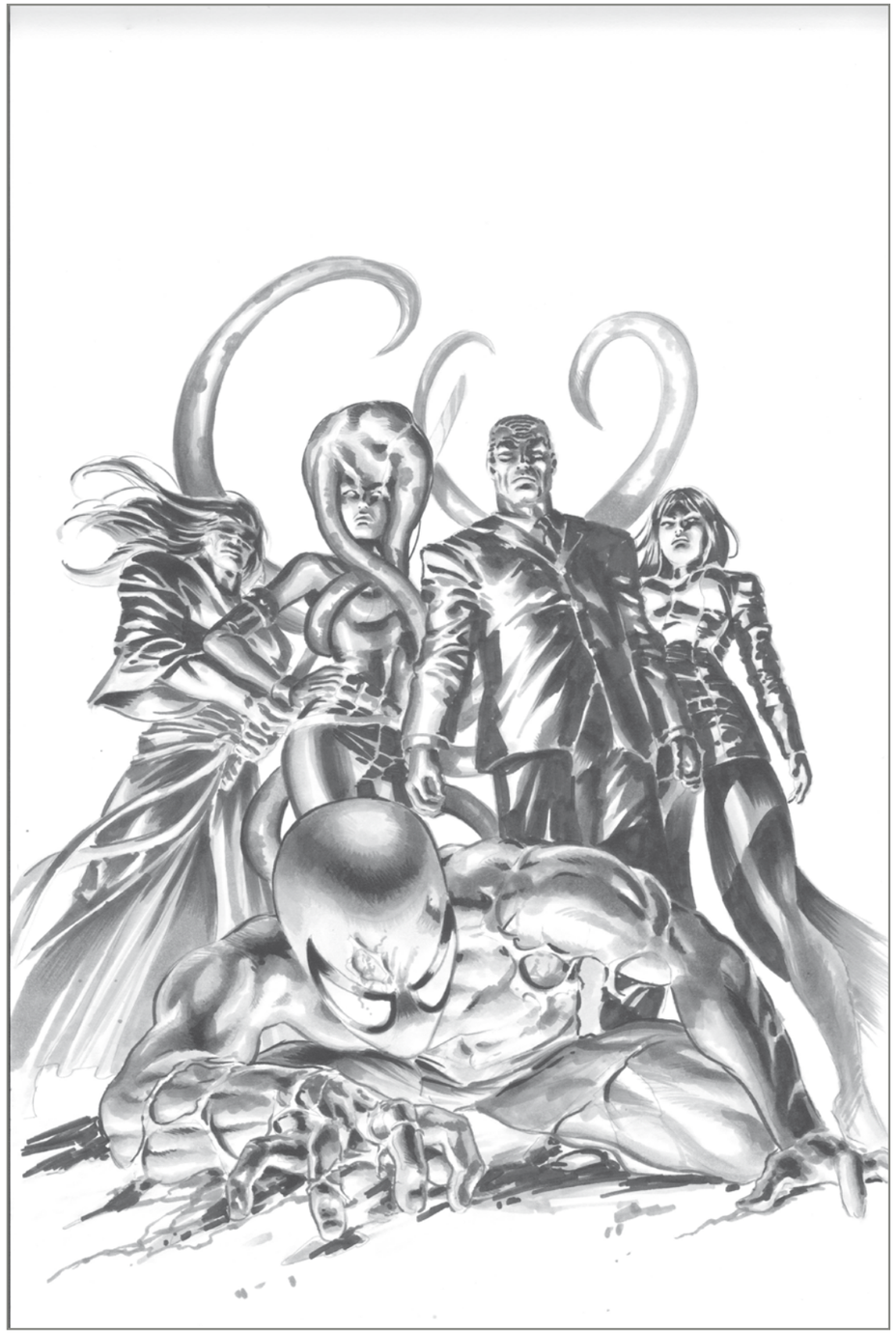
STEP BY STEP: MIKE DEODATO JR.



7 Aplicação dos tons até as sombras mais escuras, agora nos elementos do fundo

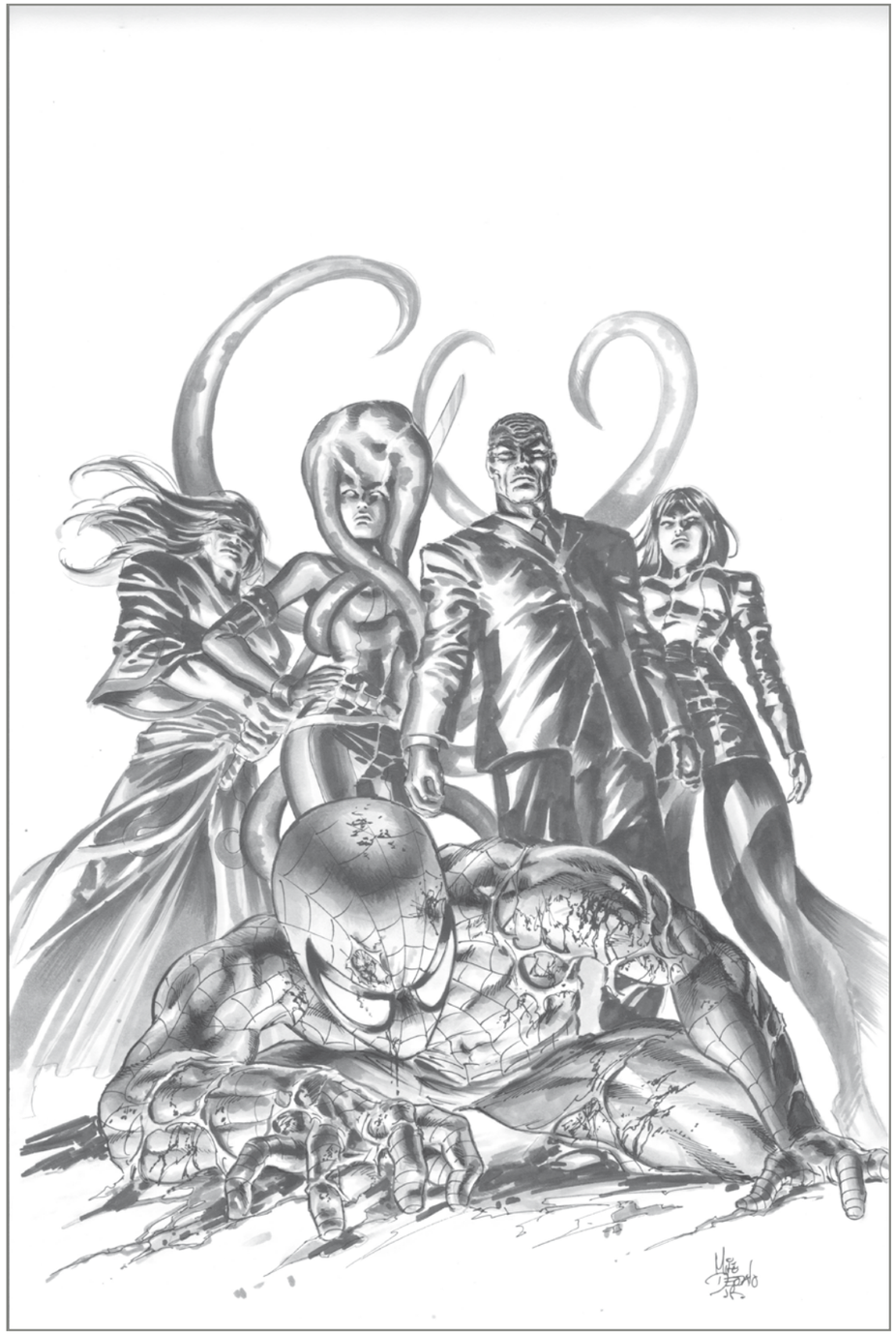


8 Todos os elementos com sombras aplicadas.

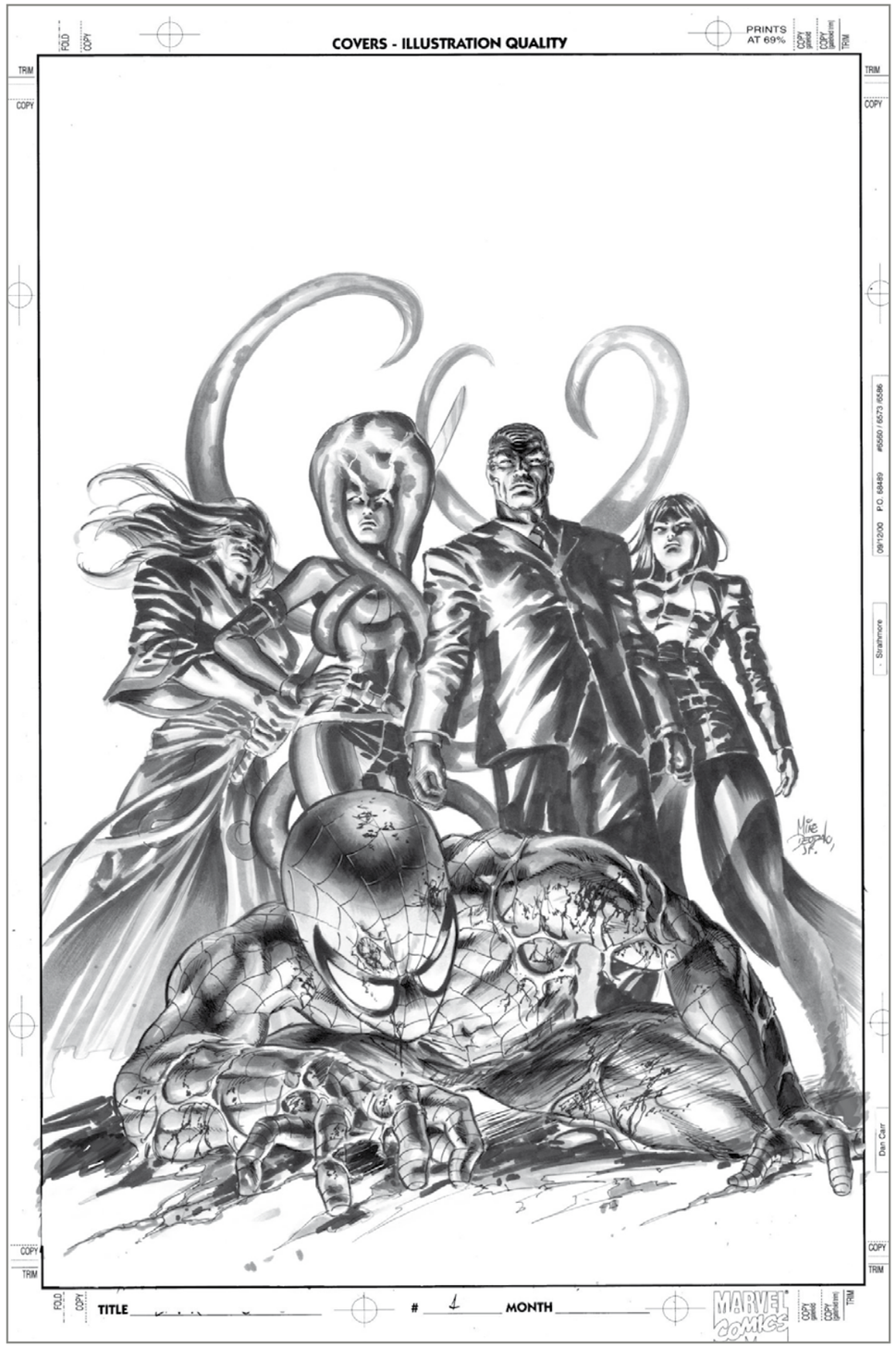


9 A diferença de tom para as outras peças a partir daqui é porque eu mudei os parâmetros de escaneamento.

STEP BY STEP: MIKE DEODATO JR.



10 A peça ficou assim no papel.



11 E assim depois de eu tratá-la no Photoshop, adicionando traços e eliminando outros. A aplicação das cores posteriormente é feita à parte pelo artista **Filipino Rainier Beredo**.

STEP BY STEP: MIKE DEODATO JR.

PARA A REVISTA ILUSTRAR, COM UM ABRAÇO DO

STEP BY STEP: MIKE DEODATO JR.

Desenho e sombras: Mike Deodato Jr. / Cores: Filipino Rainier Beredo.

Encontros Ilustrados

por Renato Alarcão

No primeiro encontro foram dez pessoas. No segundo, quinze. Cinco anos depois foi hora de mudar de local pois já não cabia mais aquela gente toda no restaurante. Depois de ser assunto de diversas matérias na TV, revistas e jornais, o Bistecão Ilustrado cresceu e apareceu. Hoje tem público fiel e, conectado nas suas redes sociais, reúne regularmente em São Paulo cerca de 150 artistas para comer, bebericar e desenhar.

O pioneiro paulista abriu caminho para o Baião Ilustrado de Fortaleza, o Empadão Ilustrado de Goiânia, a Cobal do Rio e o Rabiscão de Brasília, e ainda o Feijão Ilustrado carioca e o Tropeirão Ilustrado (lá de Itabira, cidade do poeta Carlos Drummond). Já ouvimos falar também de Trem Bão Ilustrado (mineiro, claro), de Berbigão Ilustrado, de Bauruzão, de Chimarrão, e até de Chinezão... (mas não há nada confirmado sobre estes nomes ainda).

"Os encontros mensais de ilustradores foram criados para reforçar vínculos entre os profissionais da área", explica o pai dessa ideia, o ilustrador Kako. "Tanto em São Paulo quanto nos encontros espalhados pelo Brasil afora, conversamos muito sobre nosso trabalho, nosso mercado, trocamos contatos e temos a oportunidade de conhecer nossos ídolos."

Desenhistas brasileiros, tanto os profissionais quanto os estudantes, descobriram finalmente o quanto esses encontros são propícios para se conhecer gente interessante (além do ambiente virtual das redes sociais), reforçar afetos, reabastecer-se de ideias novas, compartilhar causos e, claro, desestressar da rotina. Particularmente acredito que o futuro desses encontros é, a longo prazo, construir algo ainda maior do que estas impressões mais imediatas.

"Sair da silenciosa ilha dos nossos estúdios e da nossa cabeça e se propor a atravessar com uma prancha na qual só cabe você com uma faca entre os dentes…" versejam Wendel, Thyago e Julião, criadores do Baião Ilustrado de Fortaleza. Eles prosseguem, inspirados, com o depoimento: "O oceano azul do mercado da ilustração não é fácil. São diversos perigos, principalmente tubarões querendo morder o seu pedaço. Para nós, do Baião, o encontro é um grande bote salva-vidas, onde os surfistas do traço param para respirar, pegar um fôlego, informações com os mais experientes e continuar a jornada". Os três colegas cearenses completam: "Não somos surfistas, só sabemos desenhar jacaré."

RENATO ALARCÃO
RIO DE JANEIRO - RJ
ALARCAO@ALARCAO.COM.BR
WWW.RENATOALARCAO.COM.BR

Foto: arquivo Renato Alarcão

© Renato Alarcão

No ano passado estive na cidade de Fortaleza a convite do Baião Ilustrado. Lá reuni-me aos colegas paulistas Kako e Hiro Kawahara, onde éramos aguardados por um público ávido por informações sobre a carreira na área de ilustração, a formação do ilustrador, etc. Fizemos palestras e oficinas lotadas nas instalações de uma universidade parceira do evento. Os organizadores do Baião nos ofereceram como recompensa uma semana de descanso em terras alencarinas. Ao sabor de frutos do mar indescritíveis, litros de suco de cajá, fruta do pé, sol no quengo, causos hilariantes e mais um ou outro "mé" para acompanhar os belisquetes, nossas ideias fluíram vaporosas... Foi uma viagem de intercâmbio, de trabalho e de lazer, e foi sobretudo uma missão e uma oportunidade de analisar em conjunto com meus brilhantes colegas este momento tão interessante pelo qual passa a ilustração brasileira.

Dias mais tarde, de volta à realidade carioca, convidei dois amigos (de traço e de mesa…) para abraçar comigo o desafio de fazer acontecer no Rio de Janeiro o Feijão Ilustrado. O encontro de ilustradores que criamos foi, logo de cara, recordista brasileiro de público, tendo reunido na sua festa de inauguração cerca de 430 desenhistas. Marcaram presença no primeiro dia diversos profissionais - incluindo alguns digníssimos que vieram de São Paulo especialmente para a festa - e também o colega d'além-mar e editor desta reputada revista, Ricardo Antunes. Recebemos por Sedex diversas tábuas ilustradas por colegas de São Paulo como Gil Tokio, Montalvo Machado e Léo Gibran. Enfim, fizemos um sorteio florido de brindes como: artes originais, gravuras Giclée, tábuas, graphic novels e livros ilustrados.

Pela própria natureza do encontro do Feijão Ilustrado, conquistamos a colaboração de diversos profissionais de vídeo e fotografia, além de músicos, dançarinas, atrizes e modelos.
Em setembro vamos para o oitavo encontro, sempre com casa cheia de estudantes e profissionais de ilustração, design, animação, arquitetura, além de professores e editores, que vêm encontrar gente, assistir à projeção de portfolios nos telões, desenhar os modelos vivos e participar dos sorteios de brindes. Queremos, junto com o Bistecão, o Baião, o Rabiscão e os outros "ãos", celebrar a nossa arte.

© ilustração: Rico

© ilustração: Rico

Os encontros de ilustradores seguem multiplicando-se por todos os lugares do Brasil, com formatos e objetivos dos mais variados. Há por exemplo o Sketchcrawl, a Maratona Mundial de Desenho, que em São Paulo reuniu o maior público jamais registrado para o evento. O sketchcrawl tem também suas representações em outras cidades brasileiras, como em Santos (SP) que segue sob a batuta do ilustrador e professor DaCosta. Desenhistas e amantes da boa música agora reúnem-se também em "clubs" para desenhar ali, no calor do momento, as performances ao vivo de músicos de jazz (como o SketchJazz paulista, do ilustrador Fábio Corazza), enfim, há muitos exemplos que demonstram que os eremitas da ilustração têm saído de suas tocas, ou, pelo menos, mais e mais pessoas têm carregado suas bolsas com cadernos de desenho antes de sair de casa.

"Um dos motivos desses encontros é também afastar o estigma de pessoa reclusa e individualista que, muitas vezes, o ilustrador carrega" nos lembra André Zottich, ilustrador e um dos organizadores do Rabiscão de Brasília. Ele destaca ainda que a troca de informações sobre o mercado, compartilhadas nos famosos "causos" são também fundamentais para tornar esses encontros tão interessantes.

© ilustração: Rico

Ao longo da história encontros desse "tipo de gente" geraram níveis extraordinários de criatividade e inovação. Steven Berlin Johnson, autor de seis livros sobre ciência e tecnologia, nos apresenta uma ótima palestra no TED sobre criatividade e cita o exemplo dos cafés do Iluminismo e dos salões parisienses do Modernismo como grandes "motores" criativos daquele período. Se guardarmos as devidas proporções - em forma e conteúdo - penso que estes encontros informais de artistas que temos visto acontecer em nossas cidades fomentam o mesmo tipo de efervescência e a mesma eletricidade estática que gera faíscas no tanque de combustível das ideias.

Foi durante uma noite morna no Ceará, descansando das emoções do Baião Ilustrado enquanto balançava na rede da varanda, que sonhei com um grande encontro nacional de desenhistas, o maior, o melhor, o mais produtivo e o mais divertido de todos os "ãos ilustrados". Um grande encontro que trouxesse, além do lazer, um programa de palestras, oficinas, convidados, homenagens, premiações, festas à fantasia... No sonho vi que havia ali ilustradores de toda parte, posicionados ao longo de uma mesa infinita, coberta por papéis kraft ricamente desenhados e marcados pelas rodelas das tulipas de chope e pela gordura dos acepipes. Muitos deles batiam suas canecas em celebração à grande fraternidade brasileira do desenho da qual eram parte fundamental. Não sei se era culpa da fome, mas no meu devaneio sonhei também que o buffet da festa servia bistecão, empadão, baião, feijão...

© ilustração: Rico

A Revista Ilustrar agradece a participação especial de Rico nas ilustrações desta seção:

ricocartum@gmail.com
ricostudio.blogspot.com
facebook.com/Ricostudio77
@Rico_cartum

COLUNA NACIONAL: RENATO ALARCÃO

15 perguntas para

LEGUY

Foto: arquivo Victor Leguy

© Victor Leguy

Formado na faculdade Mackenzie em Desenho Industrial e Artes Visuais, Victor Leguy atua na área de desenho, ilustração, artes plásticas, pintura, animação, vídeo, web e mídias digitais interativas, atuando também em parceria com estúdios de animação, motion graphics, produtoras, agências de publicidade, estúdios de design e editoras, como também para o mercado editorial e mídia digital.

A partir de 2008 faz uma série de cursos no Rio de Janeiro sobre processo criativo com o professor escocês Charles Watson que acabaram por influenciar e mudar completamente sua carreira e seu estilo de trabalho.

Na entrevista, Leguy conta como essa influência foi importante, além de outros aspectos de seu trabalho.

VICTOR LEGUY

SÃO PAULO - SP
VICTOR.GUY@GMAIL.COM
WWW.VICTORLEGUY.COM

1 ***Qual a sua formação?***

Sou formado em desenho industrial pelo Mackenzie, em programação visual.

2 ***Foi da época da faculdade que começou a se interessar por ilustração?***

Na realidade sempre desenhei muito, desde pequeno adorava coisas sem sentido, cabeça de dinossauro em corpo humano, corpo de robôs com vários braços e por aí vai.

A coisa foi indo - no colégio eu era sempre o que sentava no fundo e ficava lotando o caderno dessas coisas, não sobrava espaço para mais nada, daí foi um passo para saber o que eu iria fazer.

3 *Como um designer industrial acabou se tornando ilustrador e artista plástico?*

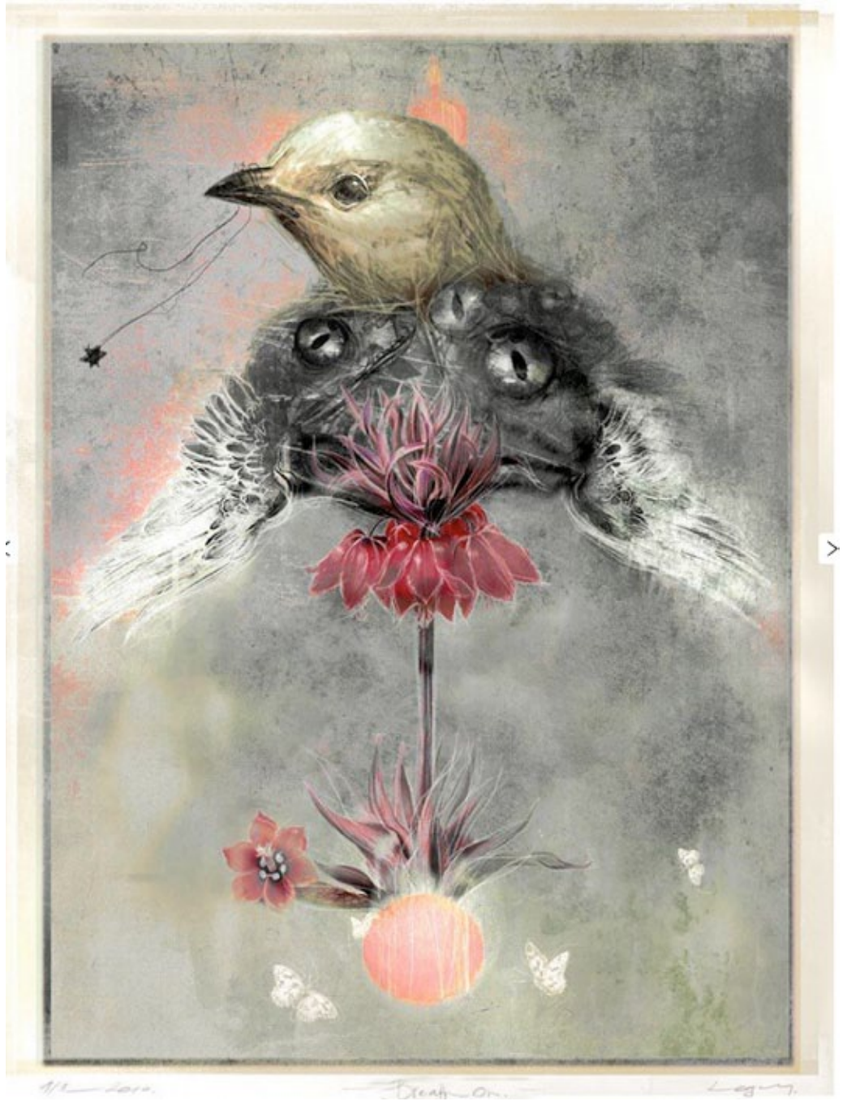
O desenho industrial surgiu pelo fato de que ilustrar, um tempo atrás, não dava quase dinheiro, aí pensei em ver onde o design iria me levar, já que ilustrar para mim sempre foi natural, mesmo sem um lápis.

Depois da faculdade passei por alguns estúdios de animação e agências até me juntar a um amigo de faculdade (o Mao Barros) e formamos o Nid Studio.

4 *E em que momento passou a se dedicar às artes plásticas?*

Algum tempo depois de formar o Nid Studio eu fiz um curso que mudou minha concepção de desenho e criatividade como uma luz que se acendeu, o "Procedência e Propriedade", ministrado pelo artista plastico e professor do Parque Lage (RJ) Charles Watson.

Foi quando as artes plásticas realmente entraram na minha vida.



37a

5 *A formação de designer industrial ajuda de alguma forma hoje em dia na concepção de suas obras em ilustração e artes plásticas?*

Sinceramente? Não. Tive poucos professores bons que não me diziam o que fazer e sim que me ajudavam a aprender como realmente abordar uma situação ou um problema.

6 *Então como lida com a concepção de suas obras, em especial as mais pessoais?*

Hoje em dia procuro me perder mesmo, para realmente me achar, ou seja, começar a ver algo que me instiga e que pode me levar a algum lugar que não estive antes. Tento não me auto-sabotar com clichês, o que é sempre muito difícil.

37b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

7 *Você fez vários cursos com o professor escocês Charles Watson, especializado em processo criativo. O que o levou a estudar com ele?*

Como disse antes, esse foi uma espécie de divisor de águas na minha vida e nesse momento eu estava absolutamente insatisfeito com meus trabalhos, e foi graças a uma amiga minha que trabalhou comigo no estúdio de animação Animaking que me disse: "por que você não tenta?" E fui mesmo.

Estava com aquele frio na barriga, muitas pessoas não completam esse curso e saem no meio, e eu estava entrando em um buraco que não sabia onde ia dar.

8 *Que mudanças você sentiu em seu trabalho depois de ter feito o curso do professor Watson?*

A mudança principal foi não existir mais vícios de estilo e trabalho, sentindo uma liberdade criativa real, como uma porta nova que se abria e que, por mais que eu soubesse que ela existisse, não havia como atingir até aquele momento.

O receio que eu tinha de experimentar se tornou a ferramenta que me impulsiona agora.

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

9 *Especificamente sobre o seu processo criativo, quais os elementos que para você são fundamentais para a concepção de uma obra?*

Agora eles mudaram um pouco, se transformaram do belo e curioso para algo como estranhas coincidências e coisas que me incomodam e formulam uma pergunta interna. Aprendi a estar atento a tudo e nos momentos mais propensos à desatenção comum, porque justamente ali estou mais "vulnerável" de certa forma.

10 *E utiliza muito os sketchbooks para registrar essas informações?*

Tenho sempre à mão cadernos de todos os tamanhos e tipos - dessa forma posso anotar algo, desenhar, colar algo, de uma forma que ainda não havia feito e numa superfície também nova.

39a

39b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

40a

11 ***Muitos de seus trabalhos têm uma abordagem tanto visual como temática que lembram sonhos ou fantasias. Qual a importância dos aspectos subjetivos em seus trabalhos?***

Não os vejo dessa forma; para mim eles são parte recorrente, transitam durante meu dia a dia, fazem parte de uma realidade quase que paralela e eles se confrontam com as coisas mais banais de um dia qualquer, essa espécie de química funciona para mim e me faz questionar o que é realidade.

12 ***Alguns deles trariam mensagens implícitas?***

Sim, para mim com certeza. Eu raramente faço algo que não tenha "passagens" para outros lugares, fios soltos e frestas... O que me interessa também, nesse caso, é que os observadores tenham total liberdade para ver o que quiserem, esta liberdade nesta ação do espectador abre outras portas, que eu mesmo procuro, e sem esta "ajuda" eu muitas vezes não consigo atingir. Tenho feito re-visitas a trabalhos antigos procurando esse tipo de novo olhar. Me colocar com um afastamento proposital.

40b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

13 *E os sonhos, como podem ajudar dentro do processo criativo?*

Eu raramente lembro de um sonho, isso não me influencia diretamente. Já me perguntaram sobre isso, mas não tem uma relação direta com meu trabalho.

Mas me interessa o que eu entendo sobre os sonhos de outras pessoas, como esta situação se apresenta para mim naquele momento, como isto dispara um gatilho istantâneo para uma nova pergunta.

41a

14 *Outro aspecto curioso é que em vários de seus trabalhos a simetria aparece, com um cuidado equilibrado na composição e detalhes espelhados. Qual a importância da simetria para você?*

A simetria me incomoda muito! E por isso a abordo. A natureza está repleta dela, mas o curioso é que se você notar bem o simétrico não é realmente simétrico e sim mais uma forma de nos pregar peças.

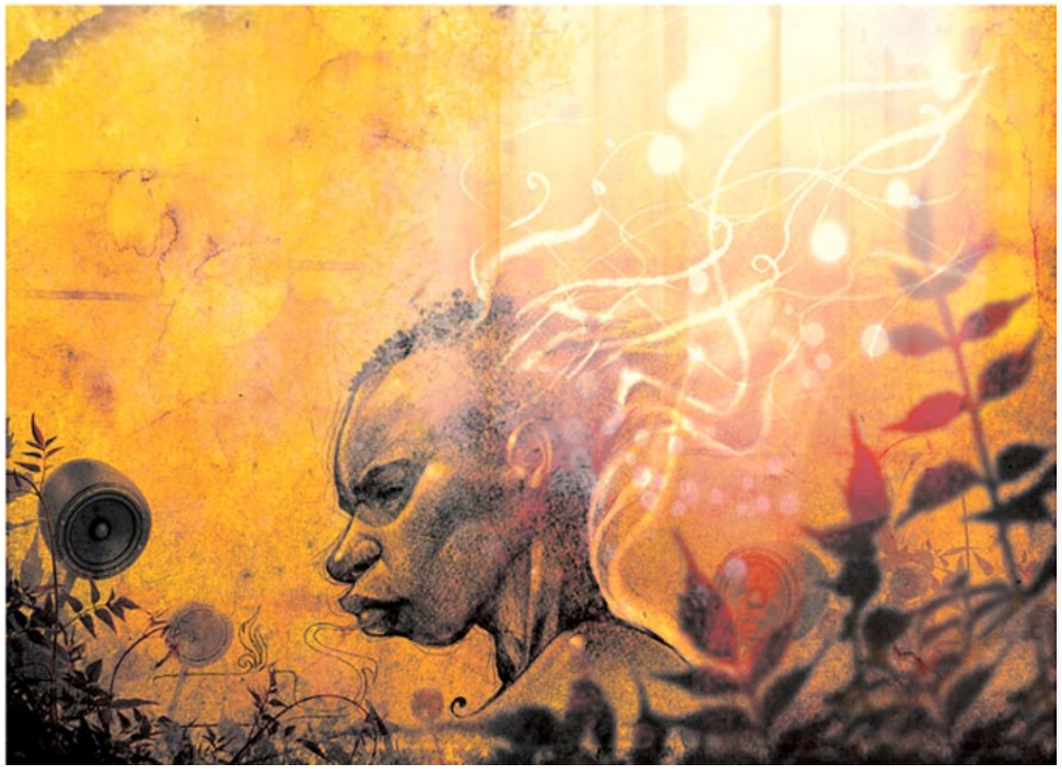
15 *De que forma?*

Se vemos alguma coisa num primeiro momento e depois algo parecido, nossa mente tem a tendência de completar a imagem naturalmente buscando um equilíbrio.

Mas na verdade isso é impossível, pode parecer igual, mas as diferenças estão lá, se você realmente estiver disposto a observar, claro.

41b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY



42a

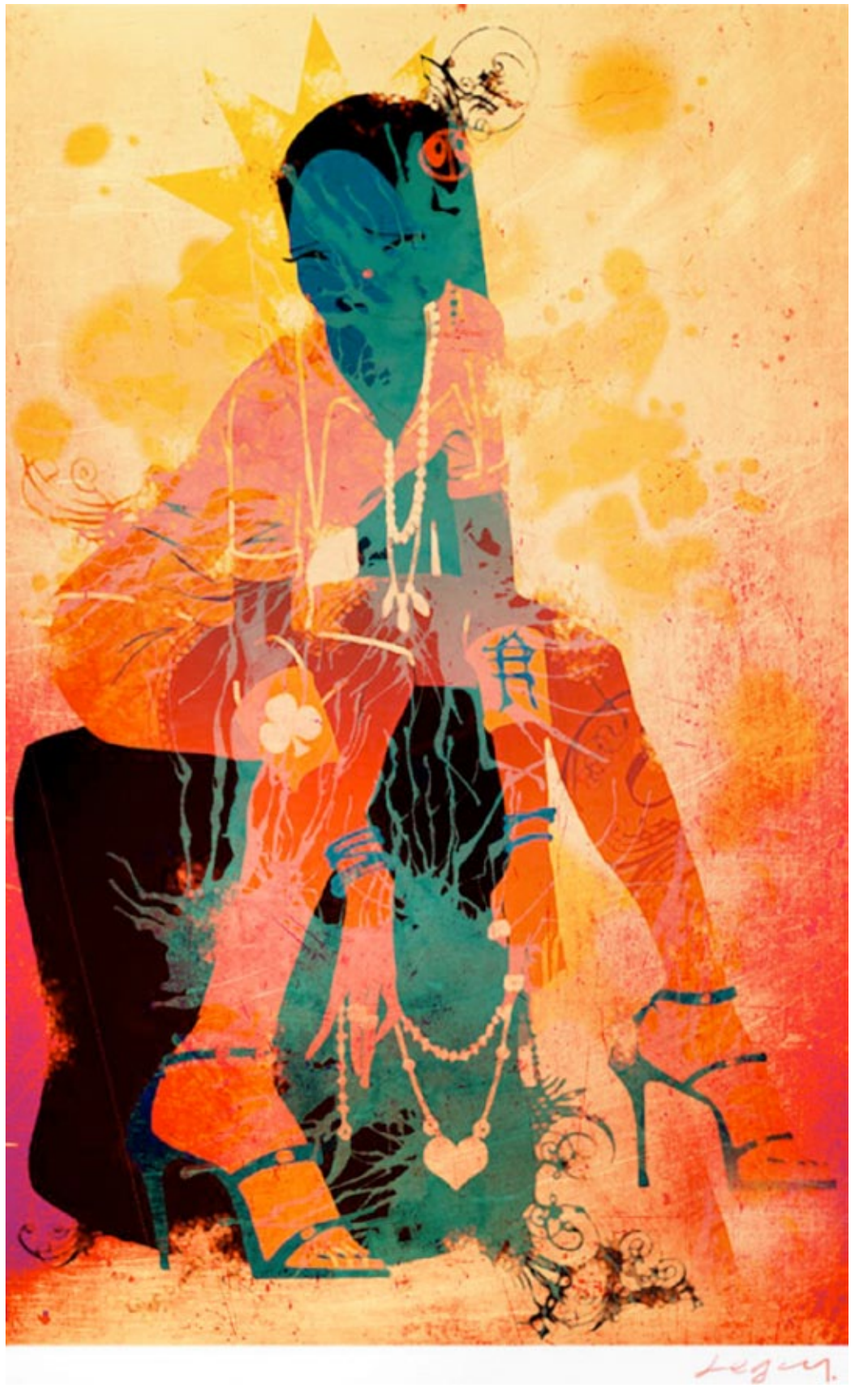
42b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

43a

43b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY



44a

44b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

45a

45b

15 PERGUNTAS PARA: VICTOR LEGUY

© Fabio Santos

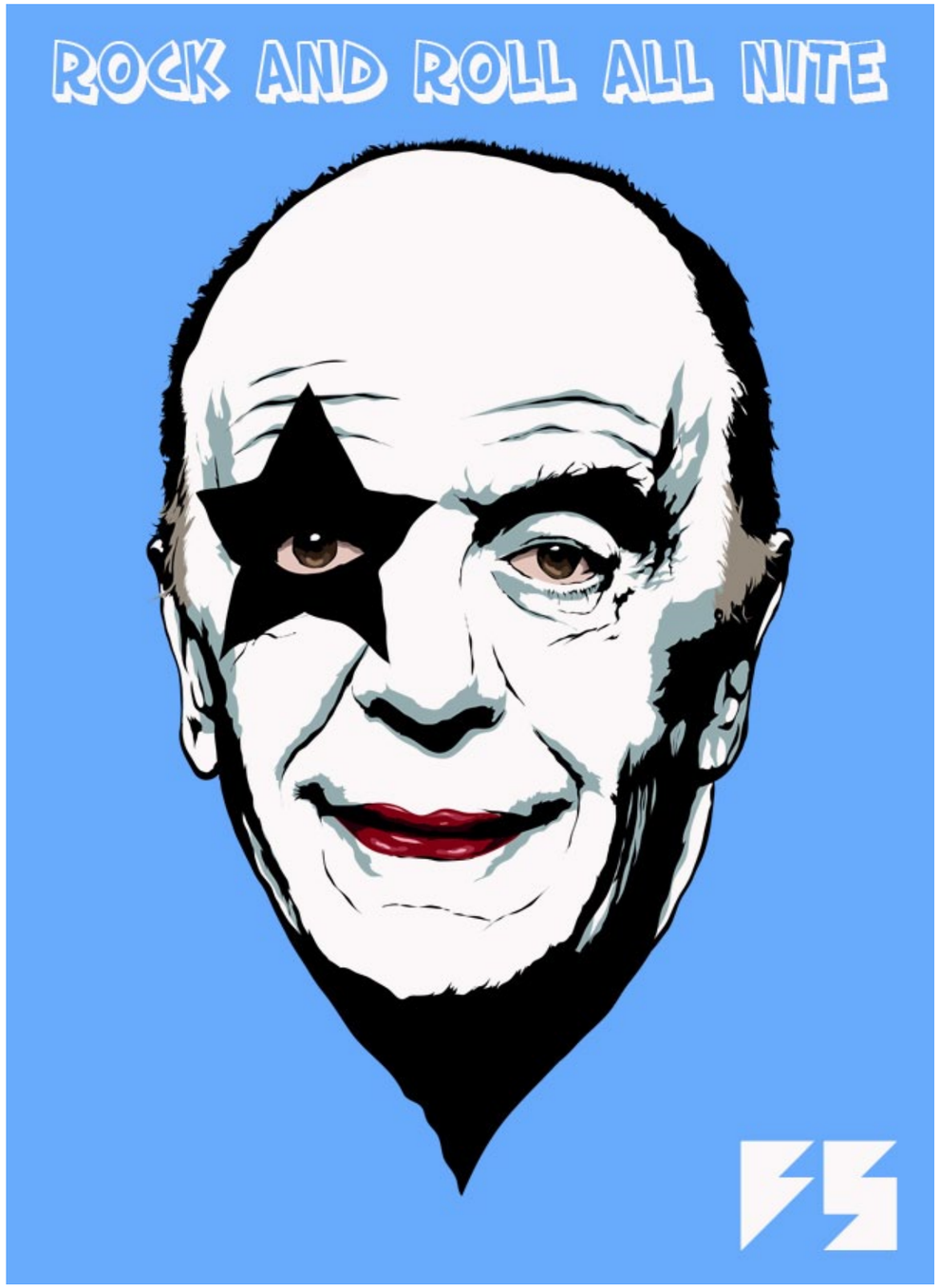
FABIO SANTOS

TAUBATÉ - SP
FABIO.SANTOS.ILUSTRADOR@GMAIL.COM
WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/FABILLUSTRADOR

46a

46b

47a



47b

© Fabio Santos

ESPAÇO ABERTO: FABIO SANTOS

© Valéria Fernandes

VALÉRIA FERNANDES

ARGENTINA

VALERIAFERNAND@YAHOO.COM.BR

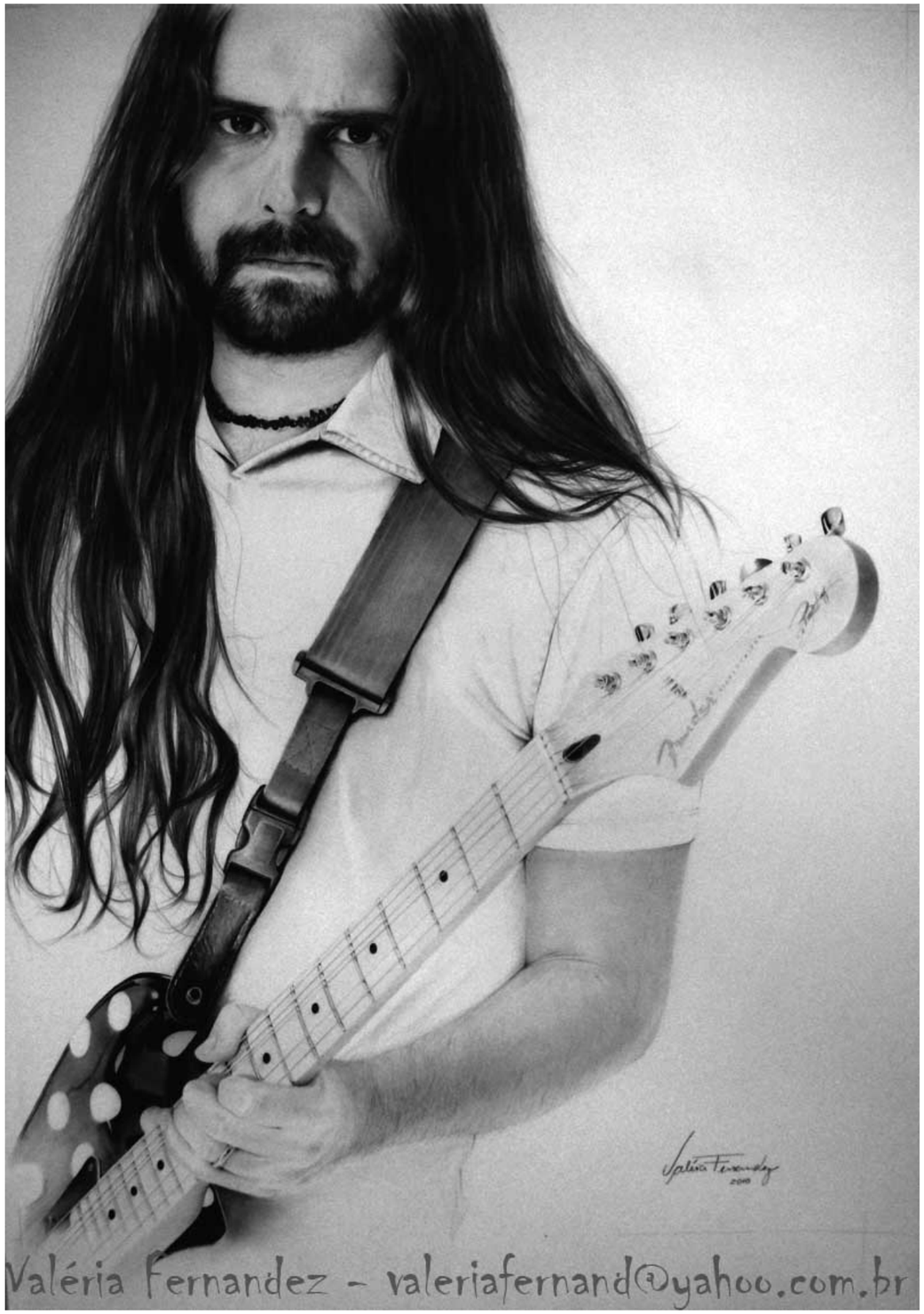
HTTP://VALERIAFERNANDESDESENHOS.BLOGSPOT.COM

48a

48b

© Valéria Fernandes

49a



49b

ESPAÇO ABERTO: VALÉRIA FERNANDES

© Ulisses Teles

ULISSES TELES

SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP

ULISSES.3D@GMAIL.COM

HTTP://WWW.UNIVERSETELES.BLOGSPOT.COM

50a

50b

© Ulisses Teles

51a

51b

ESPAÇO ABERTO: ULISSES TELES

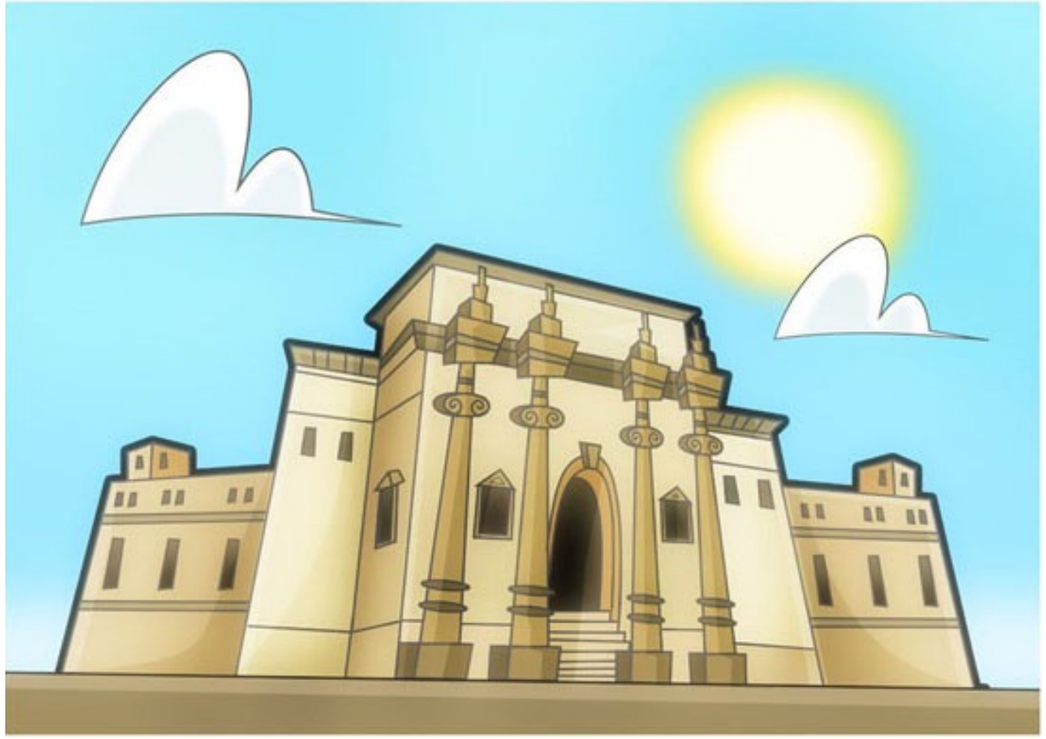
© Lionel Freitas

LIONEL FREITAS

ITU - SP

LIOFREITAS@GMAIL.COM

WWW.LIOFREITAS.BLOGSPOT.COM



© Lionel Freitas

53a

53b

ESPAÇO ABERTO: LIONEL FREITAS

© Julio Mauricio de Souza Junior

JULIO MAURICIO DE SOUZA JUNIOR

ITATIBA - SP

JMARTISTA@IG.COM.BR

HTTP://JMOBSCURE.DAPORTFOLIO.COM

54a

54b

© Julio Mauricio de Souza Junior

55a

55b

ESPAÇO ABERTO: JULIO MAURICIO JR.

© Julio Mauricio de Souza Junior

espaço aberto

Como participar

A Revista Ilustrar abriu espaço para os leitores, fãs e amigos que queiram ter seus trabalhos divulgados na mais importante revista de ilustração do Brasil, através da seção Espaço Aberto.

Para participar é simples: mande um e-mail com o título "ESPAÇO ABERTO" para **ricardoantunesdesign@gmail.com** com o nome, cidade onde mora, e-mail e site que pretenda ver publicados, uma autorização simples de publicação dos trabalhos na revista, e no mínimo 7 ilustrações a 200 dpi (nem todas poderão ser usadas).

A Ilustrar vai disponibilizar para cada artista selecionado 4 páginas inteiras. Por isso escolham seus melhores trabalhos; esta pode ser a oportunidade de ter seus trabalhos publicados ao lado dos maiores profissionais do mercado.

ESPAÇO ABERTO, a sua entrada na Revista Ilustrar.

PROJETO NOSOTROS

Para mostrar que a cultura latino-americana é mais que o folclore exportado mundo afora, Victor Marcello, ilustrador e animador, e Priscila Midori, publicitária, criaram o Projeto Nosotros e vão percorrer toda a América Latina em busca de artistas contemporâneos.

O projeto vai reunir depoimentos de profissionais de diversas áreas, que vão apresentar seus processos criativos. Com vídeos, desenhos, fotos digitais e as analógicas Lomo, eles publicam as etapas do projeto.

Através do site, Vimeo, Facebook, Twitter, Foursquare e Google Maps, é possível acompanhar cada passo e viajar junto com eles, do Uruguai ao México.

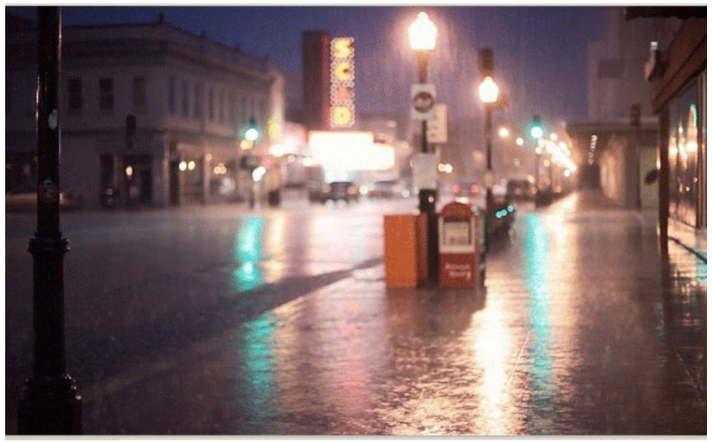
Site: www.projetonosotros.com
Facebook: www.facebook.com/projetonosotros
Twitter: @projetonosotros
Foursquare: www.foursquare.com/projetonosotros
Google Maps: http://tinyurl.com/43rbme2

THE ART PROJECT

Mais um grande projeto voltado para as artes na internet. Usando o mesmo princípio do Google Street View, o Google criou o Art Project, uma criação que permite explorar alguns dos maiores - e melhores - museus do mundo, navengando por entre algumas de suas salas e observando várias das obras de seus acervos com uma espetacular ampliação detalhada:

www.googleartproject.com

CINEMAGRAPHS



O site From Me To You disponibiliza uma galeria de imagens semelhantes a Gifs animados que são simplesmente sensacionais.

São fotos com movimentos, chamadas Cinemagraphs, algumas muito sutis, e que na maioria das vezes causam um efeito incrível:

http://tinyurl.com/3ncqc8m

links de importânCia

- **GUIA DO ILUSTRADOR - Guia de Orientação Profissional**
  www.guiadoilustrador.com.br
- **ILUSTRAGRUPO - Fórum de Ilustradores do Brasil**
  http://br.groups.yahoo.com/group/ilustragrupo
- **SIB - Sociedade dos Ilustradores do Brasil**
  www.sib.org.br
- **ACB / HQMIX - Associação dos Cartunistas do Brasil / Troféu HQMIX**
  www.hqmix.com.br
- **UNIC - União Nacional dos Ilustradores Científicos**
  http://ilustracaocientifica.multiply.com
- **ABIPRO - Associação Brasileira dos Ilustradores Profissionais**
  http://abipro.org
- **AEILIJ - Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil**
  www.aeilij.org.br
- **ADG / Brasil - Associação dos Designers Gráficos / Brasil**
  www.adg.org.br
- **ABRAWEB - Associação Brasileira de Web Designers**
  www.abraweb.com.br
- **CCSP - Clube de Criação de São Paulo**
  Aqui encontrará o contato da maior parte das agências de publicidade de São Paulo, além de muita notícia sobre publicidade:
  www.ccsp.com.br
- **TUPIXEL - Maior banco de dados de ilustradores do Brasil**
  www.tupixel.com.br

Quer acompanhar a Revista Ilustrar mais de perto?

Receba detalhes da produção e informações extras sobre ilustração, arte e cultura, acompanhando a revista de três formas diferentes na internet:

- **Twitter: revistailustrar**
- **Facebook: Revista Ilustrar**
- **Orkut: comunidade Revista Ilustrar**

Uma produção

REFERENCE press

www.referencepress.com

http://referencepress.blogspot.com

www.revistailustrar.com